



Tão necessária à vida como a luz do sol — é a luz do espírito. Estas crianças praticam esta verdade, sem o saber — aprendendo, na sua enternecedora inocência, as primeiras letras...

VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II — N.º 83 — LISBOA, 17 DE DEZEMBRO DE 1942
PREÇO AVULSO: 1 ESCUDO

LEIA NESTE NÚMERO UM SENSACIONAL ARTIGO

A GUERRA TRANSFORMADA

DO NOTÁVEL CRONISTA FRANCISCO VELLOSO



VICE-ALMIRANTE GUILHERME IVENS FERRAZ

Figura nobre de homem e de marinheiro. Tem dedicado ultimamente toda a sua inteligência e coação à Cruz Vermelha Portuguesa, instituição de que, por justos méritos e provada devoção, foi há pouco eleito Presidente.



TENENTE-CORONEL CARLOS BEJA

Um dos mais ilustres oficiais da nossa aviação e director dos Serviços Meteorológicos do Exército, foi o técnico distinto escolhido para director do Aeroporto de Lisboa. Como seu adjunto, foi nomeado Carlos Eduardo Bleck. Uma das figuras mais populares da nossa aviação civil.



EDUARDO MALTA

Pintor e retratista de grande valimento, o seu nome tem já uma projecção internacional. Expositor não só em Portugal como em vários países da Europa e da América do Sul. o êxito das suas exposições tem-no consagrado, muito merecidamente, como um dos maiores pintores modernos do nosso país.

AQUI entre Nós



CONDESSA DE RILVAS

Senhora da nossa melhor sociedade, que tem sido a alma dessa enternecedora obra de coração que é a «Semana das Mães», iniciativa simpática que acaba, mais uma vez, de ter a sua feliz realização em Lisboa.



AUGUSTO DA COSTA

Journalista político vibrante e escritor de profundo sentido social, acaba de juntar à sua obra literária — da qual se destacam dois romances de grande êxito: «As Inocentes» e «Cão Doido» — mais um livro de novelas: «Léle, Lili e Lulu». Possivelmente, outro sucesso de livreria.



ANTÓNIO PEDRO

Pintor e escritor modernista, com cuja maneira de ser de artista nem sempre se poderá estar de acordo, mas a que não se poderá negar verdadeiro talento, realizou há dias, no estúdio do S. P. N. uma conferência intitulada «Introdução ao conhecimento da pintura brasileira moderna» que constituiu um trabalho de muito interesse, que foi largamente apreciado por todos que o escutaram.

Inventário & Balanço

AS ÁRVORES

Com a autoridade do seu nome, o architecto Raúl Lino levantou o brado de se estar a fazer desbaste de árvores um tanto a esmo, a maior parte das vezes sem mais razões que a de se alegarem pretensas conveniências de estética local. Na tribuna parlamentar, o deputado Antunes Guimarães referiu outro aspecto do mesmo problema — o da excessiva facilidade de se executarem derrubes de belos exemplares, para lenha de arder, quando a sua compleição magnífica lhes deixava prever mais nobre destino. O caso anda ligado ao da necessidade de se deitar mão da madeira para queimar, à mingua de combustíveis de que fomos privados pelas circunstâncias da guerra. A necessidade de todos é a lei suprema, de certo. E não será difícil compreender que é com medidas de excepção que se pode fazer face a dificuldades de excepção. No entanto, as observações referidas encerram em si um fundamento que bem merece ser considerado — mesmo que as circunstâncias de momento possam levar a concluir pela impossibilidade de lhes dar razão.

REFEITÓRIOS POPULARES

Inaugurou-se em Alcântara um refeitório popular. Uma simples operação aritmética — isto multiplicado por cem, por exemplo — e eis, realmente, uma obra de grande vulto. O homem que trabalha precisa de se sentir dignificado. Peçam-lhe trabalho — mas dêem-lhe consideração, estímulo, afirmações de respeito pela sua dignidade. E aí está como se forma e desenvolve uma atmosfera de compreensão e concórdia social. Quanto mais se eliminarem as razões de amargura da vida — mais a vida será apetecível e alegre para todos.

HOMENS DO MAR

Dois portugueses da Índia vieram aportar à metrópole como naufragos de um barco britânico torpedeado. Correram terras e terras — depois de muitos dias de mar, os olhos afogados na imensidade do horizonte e do seu infortúnio. Eil-os que retornam, fazendo, às avessas, o caminho que se tinha proposto o famoso Prestes João, que ficou pela Abissínia. Foi o vendaval da guerra que os fez conhecer Lisboa. No meio da recordação da sua trágica odisseia — onde tiveram companheiros perdidos — possam êles, ao menos, guardar feliz imagem deste bocado de terra que vieram conhecer.

PINHEIRO CHAGAS

A Academia festejou o centenário de Pinheiro Chagas, romancista, dramaturgo, orador. Pinheiro Chagas era o orador dos improvisos. De uma vez, em Paris, num almoço onde se encontravam reunidos alguns portugueses, foram êstes alvo de tantas homenagens, que se entendeu ser necessário agradecer. Todos os olhares, instintivamente, se fixaram no lugar de Pinheiro Chagas, mas êste tinha saído da mesa e da sala. Os olhares gelaram, de surpresa. Foram em sua procura e disseram-lhe da missão. Mas como havia êle de agradecer elogios que nem tinha ouvido? E improvisou um admirável hino à França, onde incluiu êste maravilhoso troço romântico:

— «On le rapproche, bien souvent, les incendies qu'elle allume; mais c'est elle qui brûle et ce sont les autres qui sont éclairés.»

Em 1937, numa festa inesquecível, o almirante De Laborde — de quem agora tanto se falou — encontrava-se em Lisboa e ouviu pela primeira vez referir estas palavras. Tanto êlas o impressionaram que delas tomou nota por escrito e logo as repetiu a vários compatriotas seus também presentes. Ter-se-ia o almirante De Laborde lembrado ainda de Pinheiro Chagas nas horas dramáticas de Toulon?

II II

NA freguesia de Amedo, a três quilómetros de Carrizada de Anciães, vive a sr.^a Florinda de Jesus Exposto, nome que,

II II

EM Vila Nova de Gaia, à beira-rio, existe uma fonte à qual o povo liga uma curiosa tradição: quem beber da sua água — fica com um apetite devorador. De começo, há algumas dezenas de anos, houve quem sorrisse, desdenhosamente, dessa virtude. Breve, porém, os incredulos foram desaparecendo. A fonte — que logo crismaram de «fonte da fome» — operava, de facto, verdadeiros milagres. Não havia fastio que lhe resistisse. A sua fama cresceu, alastrou, ultrapassou os limites da freguesia, do concelho do distrito; de toda a parte, vinham buscá-la como um elixir maravilhoso; e os resultados sucediam-se francos e pontuais. Ultimamente a «fonte da fome» entrou em crise. Ninguém já procura a sua água. De quando em quando, uma sombra, quasi furtiva, ainda surge a encher o seu cântaro de barro — mas para simples usos domésticos. Porque a fonte deixou de produzir resultados terapêuticos? Não. Porque uma fonte que abre o apetite, nos tempos que vão correndo, é uma autentica calamidade pública.

III

Em Campo Maior, um cavalo que estava sendo engatado a uma «chiarrette» tomou gloriosamente o freio nos dentes, partiu à desfilada e, ao virar dum esquina, na fogosa vertigem da sua aventura, foi com a cabeça de encontro à parede — e caiu morto.

Eis um facto que reveste o singular aspecto duma fábula. Por êsse mundo, quantos homens atrelados a uma «victória» não tomam também o freio nos dentes e partem à desfilada, loucos, ofegantes, olhos fechados ao caminho, até perderem a cabeça de encontro a uma esquina vulnerável! Com uma diferença: o cavalo de Campo Maior não causou vítimas; e muitos dos homens, lançados na vertigem da sua própria loucura, deixam, sobre a estrada, vítimas, sangue e dôres. O cavalo é, afinal — temos de chegar a essa conclusão — muito mais humano.

II II

A actual conflagração mundial continua a inspirar, sob vários aspectos, os nossos escritores. Os livros sucedem-se e, muitos dêles, revestidos, sem dúbida, de registável interesse. Temos sobre a nossa mesa os três últimos aparecidos, dois dêles abordando temas técnicos de divulgação, o outro dando-nos, com a forma de romance, o fundo social e sentimental da guerra.

São êles a «Batalha do Petróleo», de Belo Redondo, «A Armada Holandesa», de Maurício de Oliveira e «Sinais do Céu», de Joaquim Mota Júnior.

Entre nós



No «Círculo Eça de Queiroz» efectuou há dias a sua anunciada conferência sobre «Sur les routes du Monde» o grande jornalista francês Jules Sauerwein, que actualmente se encontra em Portugal. A sala estava completamente cheia do que Lisboa tem de melhor no mundo das letras modernas, sendo muito numerosa a concorrência de membros da colónia francesa e avultado número de senhoras. Fêz a apresentação do conferente o sr. dr. Tavares de Almeida, do S. P. N., que se referiu à elevada personalidade do jornalista que iam ouvir e que era também um pianista distinto.



O almirante Gago Coutinho mais uma vez foi deabalda até ao Brasil. O barco, porém, em que embarcou fêz escala pelo Pôrto, onde se demorou uns dias. Durante eles o grande sábio português visitou vários estabelecimentos oficiais e, no último dia esteve, acompanhado dos srs. comandantes João Pais e Carvalho Crato, tenente Mendes de Sousa e engenheiro Rodrigo Guimarães, nas obras em curso no pôrto de Leixões e na Administração dos Portos.



Com uma sessão solene, celebrou, na última quinta-feira, a Academia das Ciências de Lisboa o 1.º centenário do nascimento de Manuel Pinheiro Chagas, que daquele instituto foi secretário perpétuo. Foi focada a personalidade do ilustre autor da «Morgadinha de Vallfor» pelos académicos drs. Moreira Júnior, Júlio Dantas, Augusto de Castro, Ruy Ulrich e Joaquim Leitão.



Os srs. dr. Araújo Jorge, Embaixador do Brasil, e António Ferro, director do S. P. N., inauguraram, nos estúdios daquele organismo do Estado, uma exposição do pintor brasileiro Cicero Dias — um dos valores representativos das modernas correntes artísticas daquele país.



Dentro do programa organizado para as II Jornadas Agronómicas, foi inaugurada na Estação Agronómica Nacional, de Sacavém, uma curiosa exposição, que dá bem idéia do estudo em marcha para a investigação das riquezas do solo, do clima e da vegetação, tendo assistido ao acto o sr. Subsecretário de Estado da Agricultura.

7 dias de teatro

OS jornais recordaram há dias — a propósito do 9.º aniversário da sua morte — o nome de Chaby Pinheiro. Houve mesmo um jornal que citou aquela frase, aliás arquivada no volume das suas «Memórias»:

«Tenho um grande respeito pela minha profissão e por aqueles que a exercem nobremente».

Estas palavras dizem bem do que foi toda a sua carreira artística. Grande Chaby!



Outra grande figura do teatro português queremos hoje recordar: a de Angela Pinto, a propósito, também, da passagem duma data — a da grande festa de homenagem, que lhe foi prestada no Teatro de São Carlos, meses antes de morrer.

Para a sua organização, trabalhou uma comissão composta por Lucília Simões, Alvaro de Andrade, Alvaro Lima, Avelino de Almeida, Cristiano Aires, Erico Braga e Gustavo de Matos Sequeira.

Foi em 19 de Dezembro de 1923 — como parece perto esse dia — e já lá vão 19 anos!

Ao recordar essa homenagem a Angela Pinto — a maior de todas e a que, como escreve Henrique Lopes de Mendonça, «na sua complicada trajectória, essa estrela fulgurou em várias constelações e em todas atingiu a primeira grandeza», devemos, os que se interessam ainda hoje por «coisas teatrais», mostrar à nova geração como se fez passar, numa noite, por um palco, em síntese — diremos assim — os principais trabalhos duma grande artista.



As principais figuras criadas por Angela foram evocadas — na sua presença.

Antes, porém, Chaby leu palavras de Avelino de Almeida acerca da homenagem. Depois, Maria Sampaio, anunciou as personagens.

Em primeiro lugar Luíza Satanela, interpretou a «Lavadeira» da revista «Alerta». Depois Aldina de Sousa, a célebre «Manuela» da opereta «O Solar de Barrigas». E a seguir vieram:

Amélia Rey Colaço, na «Maria» do «Amor de Perdição»; Lucília Simões na «Beatriz» da peça histórica «Infante de Sagres»; Ilda Stichini numa cena da tragédia «Hamlets», Auzenda de Oliveira, na «Clarinha» da opereta «Os 28 dias de Clarinha»; Maria de Lourdes Cabral, na canção do «vaudeville» «A Lagartixa»; Ester Leão, numa cena da «Zazá»; Maria Córte Real, no

A Crítica das 3 Premières que não houve...

De ARMANDO FERREIRA

AQUELAS 99 pessoas que ainda se interessam pelo teatro, viveram, na semana passada, angustiadas horas, sob um nervosismo doentio e dramático: no Apolo, no Maria Vitória e no Avenida, realizavam-se, na 5.ª feira, simultânea e arrelentamente, três primeiras representações! Mas, como as empresas são inteligentes e amigas do público, no dia seguinte, anunciavam as três «premières», em dias sucessivos: 5.ª, 6.ª e sábado!

Suspiro de alívio para os 99 amigos do teatro! Marcação de bilhetes, adiantamento de quaisquer visitas ou trabalhos porque essas noites ficam tomadas! Mas, ó delicioso, imprevisível e surpreendente! A de quinta-feira passa para sexta, e a de sexta para sábado! E, no dia seguinte, a de sexta para a semana seguinte e uma das de sábado desaparece completamente dos avisos. Os 99 fixos, já não sabem onde vão naquelas noites! Só têm uma «première», a de sábado! E é com o entusiasmo de verdadeiros amadores da arte de Talma, que à hora do espectáculo, sob chuva miudinha, recebem a grata notícia de que afinal, não há «première» nenhuma! E andaram a dispor das três noites para aquele lindo resultado!

A nós é que não conseguimos demover-nos. Não houve «premières»? Deixá-lo! A crítica para os nossos leitores, é que não deixa de haver! Ei-la, em primeira mão, garantida por um atestado de autenticidade:

TEATRO AVENIDA — «A COVA DA MOURA»

A peça que ontem não subiu à cena no Avenida, é uma fantasia-revista dos costumados autores que escrevem para o empresário Maçêdo. Para fugir à revista, e segundo o exemplo da *Pérola da China*, e outras peças semi-fantásticas, recorreram ao sonho de 2 soldados do antigo quartel da Cova da Moura para apresentar quadros de fantasia e rábula de revista. Os bailados de Rosa Mateus e o guarda-roupa de Paiva animaram e deram cor ao espectáculo como é costume dizer-se. Amarante nos tipos populares, compôs com o seu habitual pormenor o homem do mar — o carvoeiro. Num dueto com Carmencita, pôs em prática todo o espanholismo... de Amarante. Carmencita no seu costumado repertório de tangos argentinos adapta-se com graciosa língua de trapos aos números em português. Teresa Gomes faz rir, como sempre, nos números de bateria pesada. Soares Correia e Alvaro de Almeida acompanham a peça como compêres, *impagáveis* (se a peça não agrada). Decorativamente Maria Brazão e Beatriz Belmar. Piçarra cantou de olhos em alvo duas canções (esta é garantida) e Natália Viana obteve novo acolhimento simpático do público. Os cenários vistosos e alguns bailados de efeito. A fantasia-revista, depois de algumas correcções e cortes azev fazer carreira.

Na primeira, o público não se manifestou... porque não estava lá.

TEATRO APOLO — «NOITE DE S. JOÃO»

Ainda não voltou o Apolo à tradicional opereta popular tanto do gosto do público, e em que são experimentados já os autores. Um fiozinho sentimental, uma «falta» redimida, uma figura de velhota simpática, números de deliciosa música de Raúl Ferrão, principalmente aquela canção (Qual será a canção?) do 2.º acto que vai ser bisada.

Vasco Santana deu a nota cômica, no seu tipo de provinciano, no que foi ajudado por Armando Machado. Adeline Abranches, enganou-se alguma vez no papel, mas o público, graças à arte da grande artista, não deu por nada.

Mirita num papel que é uma carapuça, e se adapta à sua beleza física, espalhou nervos, fez caricatura, pôs as mãos nas ilhargas e até cantou à moda da Beira, o que é uma novidade! Mas o tipo popularucho ficou a cargo de Berta Cardoso, muito aplaudida no dueto com Mirita «Antes e depois do Chocolate!» Os autores não se esqueceram do momento emocionante em que o cínico quasi parece que triunfa e a desgraçadinha sai a chorar enquanto a «claque» aplaude com delírio. Enfim! com Pastora Soler para animar nos olés, tem o Apolo, opereta popular a seu gosto e que deve durar o tempo da Senhora da Atalaia e suas manas.

TEATRO MARIA VITÓRIA — «O SENHOR DA PEDRA»

Não subiu à cena a nova realização Piero, a revista em 2 actos O Senhor da Pedra, a qual seria bastante aplaudida, devendo fazer carreira se chegar a ir à cena. As dificuldades deste género de representação nos tempos actuais, sujeito a restrições moralizadoras, há a acrescentar tratar-se duma adaptação duma peça escrita para o Porto: o Senhor da Pedra é de lá. Mas, seja ben-

(Continua na pág. 23)

«fado da Saúde» da revista «Castelos no ar»; Guilherme Cauppers, numa imitação do cançonetista Mayol; Amélia Pereira, numa cena de «A Severa» e La Goya no «zapateado» da «zarzuela» «Caramelo».

Os acompanhamentos ao piano foram feitos por Pedro de Freitas Branco.



Resta dizer que, nessa noite se representou, ainda, a peça «A Ceia dos Cardiais» e que os intérpretes foram: Lucília Simões no «Montmorency», Eduardo Brazão no «Rufo» e José Ricardo no «Gonzaga». Os fâmulos eram Auzenda de Oliveira, Hortense Luz e Maria Córte Real e os escudeiros: Clemente Pinto, Erico Braga, Henrique Alves e Rafael Marques.



Terminámos estas linhas, evocando os nomes que escrevemos e que desapareceram neste espaço de tempo.

Em 19 anos, o teatro português, perdeu, os seguintes artistas, que estavam nesta festa de homenagem:

Angela Pinto, Aldina de Sousa, Chaby Pinheiro, Eduardo Brazão, José Ricardo, Henrique Alves, Rafael Marques e o jornalista Avelino de Almeida.

Até a pena nos treme ao escrever estes nomes!



Há uma nova secção de teatro, em determinado jornal diário — como diria «O Século» para não fazer reclamo — que quasi gira sempre à volta de seis, sete figuras. Não passa disso.

Loureiro, Macedo, Amadeu, Villaret, Barbosa, Mirita, etc...

Realmente não há mais no teatro — as outras são satélites ou está na prateleira... do esquecimento, que é como quem diz, do afastamento.



Quando em Portugal se fazia crítica teatral — no bom termo da palavra — há vinte anos, se tanto, um colega nosso depois de analisar uma obra de teatro, de a escarpelizar, de dizer as razões porque não havia resultado a sua representação, escreveu este período final, remate de duas grandes colunas onde tudo era contestado — sem ofender, nem injuriar empresário, autor ou artistas-intérpretes:

«A peça foi escrita para ser representada só na noite de ontem. Boa viagem.»

O homem das 5 horas

Zeitler

Novo chefe do estado maior do exército alemão

A 31 de Outubro, isto é, trinta dias depois do chanceler Hitler ter anunciado, em retumbante discurso, que Estalinegrado cairia em poder dos alemães dentro de muito pouco tempo, o diário londrino «The Times», talvez o melhor informado da capital britânica, noticiava, em artigo de fundo, que o general Franz von Halder, chefe do Estado Maior Alemão durante os últimos três anos, fora substituído no seu cargo pelo general Curt von Zeitzler.

A notícia, porém, não foi confirmada por qualquer outra fonte de informação e, devido à sua origem, podia mesmo ser considerada suspeita.

A ser verdade, a demissão de Halder denotava a existência de desacórdio entre o Führer e o seu Chefe de Estado Maior General na condução da campanha russa, o que também era muito possível, pois a lendária estrada de Moscovo já revelara ser, desde o início das hostilidades germano-russas, o túmulo de muitas famosas reputações militares. E a lista das «vítimas» não estava, nem está ainda completa.

Mesmo que não nos queiramos servir do velho alarismo «A história repete-se...», para mais em referência a um tão curto espaço de tempo, devemos notar que a semelhança existente entre os acontecimentos sucedidos nos últimos meses do ano passado e os deste, é flagrante.

Foi, igualmente, em Outubro de 1941, que Hitler proferiu o seu discurso em que anunciava ao povo alemão que «antes do próximo inverno» seria desencadado «o último grande golpe», que daria origem «à maior vitória até hoje obtida em operações militares». Por seu turno, Dietrich, um dos principais dirigentes da Imprensa do Reich, declarou na mesma ocasião que a frente russa deixara de existir, que o exército russo estava reduzido à sua expressão mais simples e que as forças avançadas alemãs entrariam na capital moscovita dentro de três semanas. Na da disto aconteceu.

As ofensivas alemãs fracassaram. A anunciada grande vitória foi sendo adiada a pouco e pouco, e, por fim, a chegada do inverno modificou de tal maneira os resultados obtidos pelas forças avançadas germânicas que um comandante militar alemão não recebeu ser exagerado ao comparar a situação dos exércitos nazis com a «catástrofe napoleónica».

Nessa altura, era impossível saber-se o que o inverno custaria em baixas aos alemães; mas, em compensação, soube-se pouco depois, em janeiro de 1942, que Hi-



General Curt von Zeitzler

lter e Halder se encontravam em completo desacórdio acerca da condução da guerra na frente oriental.

Todavia, os meses foram passando e, em Setembro, anunciou-se que Halder fora nomeado chefe do «Estado Maior da Guerra Invernal», cuja missão consistia em fazer os preparativos necessários para evitar a repetição do que acontecera no inverno de 1941.

Poucos dias depois, porém, verificava-se que com esta nomeação, Hitler apenas pretendia afastar do comando o seu Chefe de Estado Maior, o homem que fora o principal responsável pela estratégia dos três primeiros anos de guerra.

Halder tem 63 anos e era, em geral, considerado um general hábil, da velha escola germânica, muito mais dedicado aos seus deveres profissionais do que ao partido que servia. Por esse motivo, era contrária a tudo o que dizia respeito ao sacrifício desnecessário de soldados nos campos de batalha, caso estes estivessem a servir apenas para manter o prestígio de determinada individualidade ou regime, advogando, conseqüentemente, um plano de intensivo na campanha russa para dar tempo a que se treinassem e equipassem novos elementos militares.

Estas concepções foram, possivelmente, o motivo do seu afastamento que segundo parece foi decretado após uma discussão com Hitler, no final da qual este teria

dito: «Tenho a impressão de que as vossas opiniões não se coadunam com aquilo que eu quero e não estás, portanto, em condições de dar execução às minhas ordens. Agradeço-vos tudo o que fizestes por mim até hoje. Podeis retirar-vos».

A agência oliciosa alemã só no dia 10 de Dezembro veio a confirmar parcialmente estes factos com um comunicado em que se dizia:

«A Imprensa alemã publica hoje uma fotografia do Führer numa parada militar, acompanhado pelo Chefe do Estado Maior, general de infantaria Zeitzler, com quem está a conversar. Ao lado do novo Chefe do Estado Maior, vêem-se o general Keitel e o ministro dos Armamentos e Munições, Speer.

«O general Zeitzler, antes de ser chamado para o posto de chefe de Estado Maior General em substituição do general Halder exercia as suas funções como oficial do Estado Maior tanto na frente ocidental como na oriental. Foi promovido de major-general a general de infantaria e condecorado com a cruz de cavaleiro da Cruz de Ferro, devido à energia e confiança com que, como chefe do Estado Maior dum unidade da «Panzer», planeou e levou a efeito na frente ocidental em 1940, um ataque de «tanks» numa escala até então desconhecida.

«Tanto na campanha ocidental como, mais tarde, na dos Balcans, distinguiu-se pela sua firme conduta debaixo de fogo».

Zeitzler é um prussiano de Brandeburgo, tem 47 anos e foi nomeado para o Estado Maior do Alto Comando Alemão em 1938. Um ano depois, ou seja, em 1939, ao estalar a guerra, tinha a patente de coronel e comandava o 72.º Regimento de infantaria; durante a campanha polaca foi chefe do Estado Maior do 22.º Corpo de Exército.

Durante a Batalha da França, Zeitzler desempenhou as funções de chefe do Estado Maior do Primeiro Exército «Panzer» sob o comando do general Kleist, lugar que ainda ocupava quando foi iniciada a invasão da Rússia. Em princípios de 1942, foi promovido a major-general e em Setembro, como já dissemos, elevado à patente de general de infantaria.

Zeitzler tomou conta do seu novo cargo imediatamente após a demissão de Halder, mas antes disso já fazia parte do Quartel-General de Hitler, como representante de Himmler, o chefe da Gestapo.

As diferenças entre os dois chefes militares, o demitido e o seu substituído, são, como se pode verificar, muito curiosas e expressivas.

Halder é botânico, matemático, escritor militar de grande merecimento e grande pensador. Zeitzler,

por seu turno, é um dos primeiros filiados do partido nazi, amigo íntimo de Himmler, a quem ele deve uma grande parte das suas promoções; e a sua nomeação para o cargo de Chefe do Estado Maior, talvez signifique o desejo de o Führer-Chanceler confiar novamente os postos de maior responsabilidade aos elementos da «velha guarda».

O que advirá desta nova substituição dos comandos germânicos, só o futuro o dirá...

JOSÉ CORREIA RIBEIRO

ESTA MUDANÇA SURPREENDENTE



EM 7 DIAS APENAS

Fotografias de Mlle. D. Bramallo



Parece inacreditável mas EXPERIMENTE-O PESSOALMENTE!

Uma semana apenas! Milhares de senhoras maravilhadadas, livraram-se das suas rugas — rejuvenesceram muitos anos. Restitua à pele o próprio e precioso elemento natural de mocidade — o Biocel — e a pele tornar-se-á rapidamente fresca e jovem. O «Biocel» é a descoberta surpreendente do Professor Dr. Stejskal da Universidade de Viena. O creme Tokalon, Côr de Rosa, contem-o presentemente. Aplicado todas as noites antes do deitar, alimenta e rejuvenesce a pele durante o sono. De dia empregue o Creme Tokalon, côr branca. Dissolve os pontos negros, aperta os poros dilatados e, em alguns dias, torna branca, macia e avulvedada a pele mais escura e mais áspera.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva à Agência Tokalon de Lisboa, 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

7 dias de 7 Cinema

Hot Fernando Fragoso

DUMBO, é um filme maravilhoso. Nunca, como agora, este adjectivo nos pareceu tão cabido e tão justo, na apreciação duma obra cinematográfica! Maravilhoso sob todos os aspectos, desde o argumento até à execução, desde a ideia até à forma.

A medida que se vai habituando a ver filmes de desenhos animados, o público parece ter cada vez mais dificuldade em aquilatar os progressos que os mesmos registam. De «Branca de Neve» até «Dumbo» vai uma maturidade! Walt Disney e os seus colaboradores dominam agora todos os problemas técnicos. Inventaram-se melhores aparelhagens, aperfeiçoou-se a mecânica dos movimentos e estudaram-se novos métodos.

Além disso, Walt criou discípulos. A sua equipa técnica goza hoje de certa autonomia. Disney deixou de ser o Senhor Todo Poderoso dos seus estúdios. Tem desenhadores e animadores do melhor quilate. E os resultados estão patentes em «Dumbo». As dezenas de nomes que figuram na abertura do filme pertencem aos obreiros desta película. Pela primeira vez, segundo cremos, a tarefa comum foi dividida por diversos grupos de técnicos, que se encarregaram de outras tantas seqüências. E assim foi possível reduzir de três anos, para ano e meio, a duração dos trabalhos de produção e filmagem.

Walt Disney, disse Eric Verissimo, no seu «Gato Preto em campo de Neve» — é uma marca! E nunca estas palavras tiveram tão justo e tão lato significado.

«Dumbo» é um filme que honra uma marca acreditada!

* * *

A história do elefante que podia voar tem um valor simbólico. Ela ensina a Humanidade a não desesperrar com os defeitos físicos com que a Natureza, por vezes, nos dotou, pois quando não tiramos partido desses mesmos defeitos — a Providência se encarrega de os compensar, de mil e uma formas. Até no cinema, há exemplos do que afirmamos. Jimmy Durante e Larry Semon (Pencudo) exploraram sábiamente os seus narizes desconformes. Cinquenta por cento da personalidade de Joe E. Brown e de Martha Raye provêm das bocas monstruosas. Patty e Oliver Hardy beneficiaram da obesidade respectiva e, se tivessem uma silhueta normal, é possível que nunca houvessem dado pela sua veia cômica.

«Dumbo» sem as suas orelhas gigantes seria um elefante como outro qualquer — um mísero e anónimo figurante de circo. Mas para triunfar é preciso não se dei-

zar abater pelo desânimo. Para viver — é preciso lutar. E Timóteo, o rato, mais do que um conselheiro, foi um «manager», um «manager» inteligente e «vivo», que soube fazer do monstrozinho um fenómeno mundial...

A história de muitos «boxeuses» — não será, porventura, a história de «Dumbo»? Este tinha orelhas grandes e podia voar... Os outros dispunham de músculos de aço e podiam socar... Para tanto, só é necessário que «Timóteo» apareça a tempo... A estranha personagem de «Dumbo», que alguns sem razão compararam ao «Sr. Grilo», anda na história como aquêle factor sorte, que, dum momento para o outro, modifica a vida dum individuo.

* * *

«Dumbo» é talvez o mais equilibrado de todos os filmes de Walt Disney. Excepção feita ao sonho — chamemos assim à visão que sucede à bebedeira de «champagne» — todo o filme tem um nível técnico e artístico, que força a admiração. Na própria seqüência que exceptuamos do elogio incondicional, há imagens primorosas, como desenho e movimento! Assim, por exemplo, todas as figuras, apenas esboçadas, que parecem patinar no gelo e depois riscam, na encosta gelada duma montanha fantástica, estranhas figuras geométricas.

Entre as seqüências mais impressionantes deste filme, pelo arrojado da concepção técnica, pelo dinamismo que a enforma, e até pela audácia da visão — devemos citar, em primeiro lugar, a prodigiosa montagem do circo ambulante, durante a noite tempestuosa! Custa a crer que aquelas figuras que se movem, na obscuridade, que os relâmpagos cortam, de espaço a espaço, sejam devidas apenas ao lápis e à paleta dum prodigioso conjunto de animadores!

E ainda sob este aspecto do que em cinema se convencionou chamar «clou», citemos o número acrobático dos elefantes, que Dumbo faz ruir estrondosamente! É um assombro, de concepção e execução, dentro do melhor e mais sadio humorismo.

As cenas de ternura têm a sua expressão mais bela na visita do pequenino elefante à mãe, encarcerada numa jaula, como uma «louca perigosa» — ela que afinal se limitara a defender o filho das vaías e doestos da garotada, impiedosa e cruel! Toda a expressão do amor maternal, a alegria da mãe que encontra o filho, após a separação brusca, são dadas em imagens duma delicadeza infinita, duma suavidade incomparável! Disney atinge, nesta obra, os

mais altos momentos da sua Arte — e para os enumerar completamente, não nos chegaria esta página! Citemos ainda, para terminar, a forma como está humanizado o combóio e certa cena da sua marcha ao anoitecer, quando a imagem se reflecte nas águas, que espelham o céu azul quasi negro, onde já brilham estrelas!

* * *

A música tem em «Dumbo» uma parte importante — desde o coro das cegonhas, na sua faina de distribuir «rebentos», até à canção «Eu nunca vi um elefante voar», que os corvos cantam ao ver o pequenino elefante pousado no alto duma árvore! As outras melodias são igualmente belíssimas e comungam inteiramente com as imagens, cujo ritmo comandam. Citemos ainda o coral, dramático e heróico, que se ouve enquanto os homens cravam a estacaria, sobre a qual se há-de erguer o circo; e a deliciosa canção, com que os animais embalam os filhos, e que começa a ouvir-se quando Dumbo se encontra com a mãe, para acompanhar depois todos os que dormem, junto das suas crias. Só para ouvir a música de «Dumbo» — valia a pena ir ver o filme!

* * *

Disney volta ao seu elemento favorito: a bicharada. São eles, incontestavelmente, os grandes intérpretes das suas obras, os que o público mais gosta de ver — os que convencem!

E nós, que não fomos dos que lhe chamaram «cabotino» ou «especulador», só porque cometeu o

«crime» de realizar «Fantasia» — saudamos em «Dumbo», o Disney que mais gostamos de ver, o Disney que soube interpretar e sentir como ninguém os animais, olhando-os pelo prisma da alma humana!

* * *

William Powell e Myrna Loy reapareceram, num filme que se afirmou como um autêntico êxito de gargalhada. Graça acessível, no estilo das velhas comédias do Gindásio, onde nem sequer falta o «travesti» do protagonista, para escapar à perseguição da polícia... O que é espantoso, e merece ser assinalado, tratando-se duma farsa de recorte burlesco e aparentemente do mais «traço grosso» que possa imaginar-se — é o facto de resultar, afinal, numa comédia de linha vulgar, que nunca cai na fantochada, nem na «loucura» proverbial da comédia americana. Dois artistas extraordinários, dos mais distintos — na acepção da presença — na acepção da presença, «defenderam» todas as situações, com um tacto admirável. Jack Conway, o dinâmico realizador, afeito aos grandes filmes de aventura e de ar livre, contribuiu poderosamente para o êxito desta película, que acredita o cinema americano, sob todos os aspectos.

Nas mãos dum cineasta europeu, «O Maluco Apaixonado» correria o risco de tornar-se numa «pochade» grosseira. Onde se conclui que, em matéria de espírito e de «humour» cinematográfico — num lado, é que se põe o ramo e no outro é que se vende o vinho — ou melhor o «cocktail», apaladado e capitoso, que Hollywood nos serviu com este filme!



Myrna Loy e William Powell, o alegre par de «O Maluco Apaixonado» — o casal modelo das comédias americanas.



AS GRANDES ARTISTAS DO CINEMA
Armida, a famosa vedeta-bailarina numa cena do filme "Fiesta",
em que participa também António Moreno, um dos artistas queridos do
nosso público

CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DE
AUGUSTO DA COSTA

KIKI tinha feito vinte anos quando, entre suspiros languídicos, confessou aos pais, em pleno «bar» do Estoril:

—Uff! Não posso mais. Preciso de arranjar um rapaz a sério!

A mãe disse que sim. O pai acrescentou:

—Já vai sendo tempo de me dares um neto...

Os três baixaram os olhos, num pudor terro, e uma névoa de silêncio separou-os. Veio amendoim, cerveja e tremoço. Pouco depois Kiki deixou o tremoço — e foi dançar.

*

Kiki encontrou Kuku pela primeira vez num dia tépido de Junho. Kiki vestia um vestido fútil de crêpe Georgette, às pintinhas. Kuku gosou de ver Kiki. Ela não seria uma beleza — mas tinha «aquilo». Os cabelos em pontas davam-lhe um ar de mistério tentador. O «rouge» nas faces magras punha-lhe uma expressão de pecado séculovintesco, aerodinâmico, como dizem os actuais romancistas. Nas vésperas de Santo António começou a sério o namoro, na penumbra dum cinema, com a cabeça de Kiki caída sobre o ombro de Kuku.

*

Casaram em Dezembro. Quinze dias depois detestavam-se. Kiki sonhara um marido à Clark Gable — e saíra-lhe, no cinema da vida, um Ramon Novarro; cêta mole onde ela marcava a dedo os seus caprichos... O pai de Kiki detestara o casamento e só a esperança dum neto o consolava.

*

Ao fim do tempo da praxe e, apesar de tudo, anunciou-se um acontecimento feliz. Kiki sentia dentro de si coisas esquisitas. A mãe aguardava em ansiedade. O pai sorria, no enlévo da descendência. Até que uma tarde, perante a família reunida, uma condessinha de verga, florida de rendas, trazia Kókó, o herdeiro daquele casal moderno. Simplesmente Kókó era um cãozinho de luxo, muito branco e felpudo, um mimo. Foi estreitado nos braços de «tout le monde», entre beijos e carícias. Só o pai de Kiki encordou e praguejou, em surdina:

—Eu sempre disse que este meu genro me havia de pregar cão!

CHAPÉU NOVO

Oilustre escritor e advogado dr. Ascensão Barbosa comprou, há dias, um chapéu que lhe fica à maravilha.

As minhas felicitações.

HOJE

EÇA de Queiroz, ao descrever a menina de Lisboa, há 70 anos, a menina magra, pálida, vestida num grande «puff», com um

FIO DE AZEITE



«Chegou da sua quinta perto de Ferreira do Zêzere o sr. dr. Joaquim Ribeiro, escritor, antigo ministro da Agricultura e grande proprietário de azeite. (Dos Jornais)»

Mal pode imaginar a mente acesa
Tão viva como quando, venturoso,
O vi a vez primeira, precioso,
A sorrir à porta da Havana!

Que prodígio de esplêndida riqueza!
Que ar de ternura e que olhar bondoso!
Que opulento cabelo... Um mar undoso
Onde escondia a cálvica nudeza!

Mas ainda hoje não sei bem porquê,
Logo o sonhei, e tão risonho e franco,
Sentado junto ao Zêzere, em deleite.

A ler não sei que obra de Bourget,
E a molhar sopinhas de pão branco
Na doçura infinita do seu doirado azeite!

penteados laboriosos e espessos, acrescenta que essa menina só comia doce e alface. Pois as descendentes dessa menina, em 1942, nem já doce comem: comem só alface. Quer dizer: nunca foram tão alfacinhas como agora.

O MUNDO

SEGUNDO afirmam as notícias, os camelos no norte de África têm andado em plena batalha. Agora digam lá que a marreca dá sorte!

DUAS FIGURAS

A Academia das Ciências de Lisboa celebrou o aniversário do nascimento de Manuel Pinheiro Chagas. A Associação dos Arqueólogos Portugueses dedicou uma das suas sessões à memória de Luiz Xavier da Costa. Não se pode dizer que o reconhecimento das virtudes alheias seja, em todos os casos, uma palavra vã.

HISTÓRIAS DA GUERRA

SUCEDEM-SE as Histórias da guerra actual. Eu só pergunto: será possível que essas Histórias durem enquanto durar a guerra?

TRÁGICO PITORESCO

UMA noite destas, em Campolide, foi atropelado por um automóvel certo sujeito. As lesões foram pequenas, mas o atropelado teve de recolher ao hospital por haver engolido a dentadura — que era postiça. Por mais que lamentemos a sorte do pobre senhor, temos de reconhecer que o Destino envolve, muitas vezes, de infinito pitoresco, os dramas que cria.

DR. DOMINGOS AFONSO

ESTEVE em Lisboa o sr. dr. Domingos Afonso, ilustre influente literário em Braga. Veio tratar de política de espírito referente àquela cidade, na sua qualidade de membro do respectivo e florescente Ateneu. Regressou ontem mesmo à nossa portuquesíssima Jerusalém.

SINAL DOS TEMPOS

O Apolo dá-nos agora uma opereta, «Noite de São João». Santo Deus, que anda agora tudo trocado no mundo! Imagine-se: a noite de São João — em Dezembro!

SERÁ ASSIM?

SEGUNDO noticiam os jornais, o padre Carrieri, de Roma, descobriu a maneira de fotografar — os aromas...

Não sei porquê, não me cheira!

BOX LITERÁRIO

ADOLFO Casais Monteiro lançou na «República» um repto a João Gaspar Simões, crítico literário do «Diário de Lisboa». Sucede, porém, que Adolfo Casais Monteiro é alto e magro, e João Gaspar Simões é baixo e gordo e, segundo nos informam, a Federação do Box Literário não permite combates em desigualdades de «formas».

NOVA ÉPOCA

JOSÉ Loureiro, de braço dado com Ricardo Covões, vai iniciar uma nova época no Trindade. Saúdemos a nova empresa, que adoptará a firma José Covões, Ricardo Loureiro e Companhia.

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



Sua Santidade visitando os feridos italianos que regressaram da frente da Rússia.



Entre nós

Na Sociedade de Ciências Médicas inaugurou-se, há dias, o novo ano académico, com uma sessão, em que o presidente reeleito, sr. dr. Toscano Rico leu a tradicional alocução... A seu lado, os srs. drs. Mendes Leal e Barahona Fernandes, que fizeram a leitura dos seus relatórios, respectivamente, sobre as relações externas e internas da mesma associação, médica. O sr. dr. Toscano Rico, na referida alocução, focou com notável brilhantismo uma questão da maior actualidade — a moderna ciência experimental.



A «Semana da Mãe» foi inaugurada com uma exposição de berços, no Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho, oferecidos pelas raparigas da «M. P.» à Obra das Mães. Na gravura vêem-se as sras. Condesas de Rilvas e de Monte Real visitando o certame.



No Pôrto — no salão de festas da Casa da Itália — o sr. dr. Manuel Monteiro, conhecido crítico de arte, fez uma interessante conferência acerca de «Giovanni Pisano e a escultura medieval portuguesa».

Na sede do Comando Distrital de Lisboa da «L. P.», para comemorar o «Dia da Padroeira», inaugurou-se um azulejo reproduzindo a Imaculada Conceição — cópia do famoso quadro de Murillo — e que tem a seguinte legenda: «A sua padroeira, Nossa Senhora da Conceição, o Comando Distrital de Lisboa». Assistiram os srs. dr. Costa Leite (Lumbrães), ministro das Finanças e presidente da Junta Central da «L. P.», general Casimiro Teles, tenente-coronel Constantino de Castro e demais oficialidade daquele organismo. A imagem foi benzida pelo sr. Bispo de Helenopole.



Lá fora



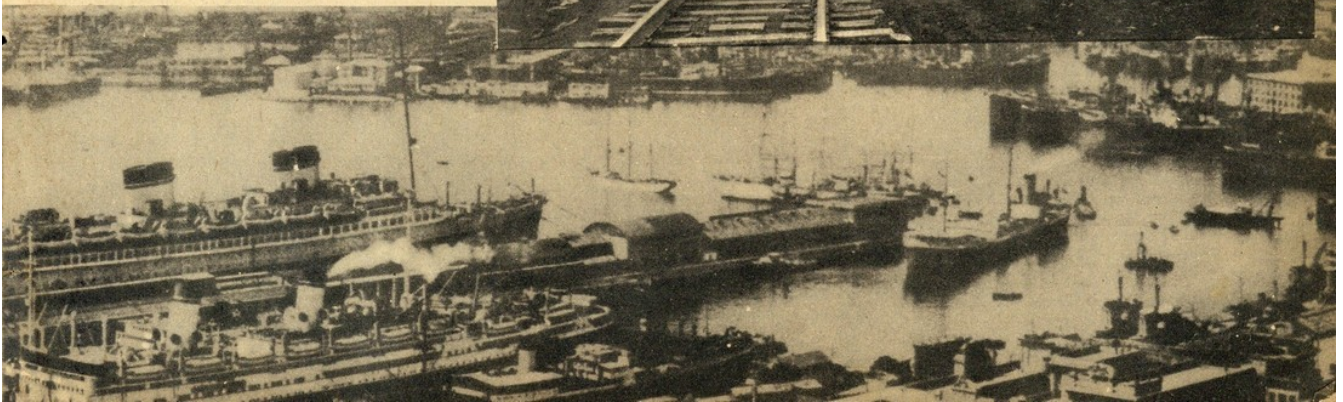
O almirante norte-americano W. Nimitz (à direita), comandante em chefe da Esquadra do Pacífico, acompanhado pelo comandante Cyril T. Simard, chefe da Base Naval de Midway, no Pacífico, visitou recentemente esta ilha, logo após a sua retomada aos japoneses.



O marechal Goering, durante as Festas da Colheita, acompanhado pelos oficiais condecorados, passou em revista a guarda de honra, composta por combatentes que estavam de licença na capital alemã.

Milhares — muitos milhares — de velhos pneus, que ocupavam uma área de cerca de 50 hectares, foram levados dos arredores de Washington, para fábricas especializadas, afim de serem transformados, por processos modernos, e utilizados em material de guerra.

Um aspecto do porto de Génova, que ultimamente tem sido bombardeado por aparelhos da R. A. F., por ser um dos pontos de embarque das forças do «Eixo» que se dirigem à África do Norte.



OS artistas de Cinema na GUERRA



James Stewart alcançou no último ano a "Estadua de Ouro" — prêmio do melhor trabalho artístico em Hollywood. Pois bem, James Stewart, que hoje é aviador, voltou à capital do cinema para entregar a Gary Cooper seus troféus, pois foi esse artista quem alcançou este ano o grande troféu.



Mary Pickford — a querida actriz do cinema — presta serviço numa grande cantina, onde serve café e bolos aos soldados. A seu lado, trabalham nos Serviços Femininos Voluntários, dessemas de reparação, a maior parte delas artistas e coziastas de Hollywood.

Douglas Fairbanks Junior foi recentemente promovido a 2.º tenente da Reserva Naval. A fita que se lê no peito é indicativo de ter tomado parte num «encontro» com o inimigo no Atlântico Norte, quando esteve em serviço de patrulha, e pertença à tripulação dum «destroyer».



Donald Crisp, Lewis Stone e Rudy Vallee — ontem artistas cinematográficos e hoje, respectivamente, capitão, tenente-coronel e alferes. Lewis Stone é o comandante do Regimento de Evacuação da Guarda do Estado da Califórnia.



Robert Montgomery — considerado o primeiro actor de cinema americano — foi o primeiro artista a alistar-se. Passou entre nós, o caminho da França, onde fez entrega dum ambulância na frente de combate. É tenente da Reserva Naval e hoje presta serviço num barco-torpeda em determinado ponto dos Estados Unidos.



Wayne Morris — o conhecido actor de cinema — está colocada na Aviação Naval, depois de ter sido promovido a aspirante na Reserva Naval. Hoje pertence à Repartição de Recrutamento numa Estação Naval da Califórnia.

Dorothy Lamour — um nome que é um cartão — está a percorrer os Estados Unidos a vender «Títulos Económicos da Guerra». O êxito tem sido colossal. Milhões de dólares têm entrado, por sua intermédio, na «Tesouraria da Guerra».



Vê-se em baixo, Richard Greene — actor inglês de cinema — que foi recentemente promovido a oficial especializado em canhões anti-tanques. O seu desejo é voltar a Inglaterra — mas ainda não lhe chegou a vez...



O menino Alberto

tem 58 anos de idade e 1,97 de altura



um tipo estranho este que vamos apresentar à curiosidade do leitor e confessamos que não é em obediência ao primeiro impulso que pegamos na pena para o biografar. É que neste «menino» Alberto há um complexo, de modo algum místico mas de que transcende um ar de certa candura e bondade, uma visão indistinta de coisas boas que não existem e que desnudá-las não deixa de ter seu sabor de sacrilégio...

Quem é, pois, o «menino» Alberto?

O «menino» mais alto do mundo, certamente: um metro e noventa e sete, com 58 anos e um peso de 75 quilos. Sentado, é da altura de qualquer homem normal. Mas, quando se põe de pé, a sua figura alonga-se, alonga-se, que até parece querer tocar o infinito...

UM SER DIFERENTE...

Procurámo-lo, há dias, em casa de uma família de Lisboa, que mora ali para o Arco do Cego. O «menino» Alberto aparece-nos de fato claro, às risquinhas, de sapatos pretos e de gravata clara. Na lapela do casaco, uma pregadeira em forma de coração e, à volta do pescoço, a tripa branca das linhas de alinhavar...

É um ingênuo: um menino de corpo e alma. Não sabe, ao certo, o que é falar para uma «revista» e, ao princípio, chega a fazer confusão com essas coisas que às vezes se representam por aí com o mesmo nome de revistas. Também não sabe como se fala para um jornal nem o que é uma entrevista, desculpendo-se:

— Eu não sei, não sou destas modas...

Entretanto, o «menino» Alberto é fidedigno. Mas logo às primeiras palavras nos adverte:

— Desculpe, mas como sou muito alto, custa-me estar muito tempo a falar de pé... Sinto tonturas...

Enquanto nos sentamos, vamos reparando que o «menino» Alberto nunca fez a barba — porque só na altura e no número de anos deixou de ser menino. Diz-nos logo que é natural de Almodóvar e que se encontra em Lisboa, a convite de algumas famílias alentejanas que residem na capital. Umás vezes está em casa de uns, outras em casa de outros. Trabalha de costura e de alfaiate, borda, faz «crochet» e tapetes de Beiriz e Arraiolos:

— Em três dias faço um fato de homem. E não tenho ajudantes nem,



tão pouco, tive professores ou professoras. Aprendi por mim e cá me vou governando. Se Deus me não desse esta habilidade, teria de estender a mão à caridade pública ou, então, já andaria por aí em exposição...

MAS HOMEM DIGNO

O «menino» Alberto diz-nos que

há uma vez lhe ofereceram dinheiro para se apresentar no Coliseu, mas ele recusou com dignidade:

— Não me vendo nem faço das minhas anomalias motivo de fartura e abundância... Deus fez-me assim para eu sofrer, mas evito sempre as indelicadezas dos homens... Não gosto de sair, sinto-me sempre muito bem em casa, a costurar ou a fazer qualquer outro trabalho que me-

reça aquilo que como...

E insiste, para contar:

— Não, não consinto que especulem com a minha pessoa... Uma vez, que eu tinha muita vontade de visitar as minas de S. Domingos, ofereceram-se para me acompanhar. Tivemos de pernoitar em determinada localidade. Estava num Café que tinha ao lado um quarto com algumas camas. Despi-me, baixei a luz do candeiro de petróleo e ajoelhei-me para rezar... Lembro-me que havia um luar bonito a aclarar o quarto... As quinhentas «avé-Marias» que rezo todas as noites e os cento e cinquenta «padre-nossos» saíam-me dos lábios de um modo diferente... Nisto, eram já duas horas da madrugada, batem à porta fortemente. O dono da casa vai abrir e eu fico na expectativa... Pouco depois, um homem entra no meu quarto, para se deitar na outra cama. Levanto a luz, suspendo as orações e digo: — «Boa noite!...». O homem olha e comenta: — Já sabia que estava cá na terra...».

O «menino» Alberto pára um pouco, fatigado:

— Fiquei sobressaltado. Quem lhe teria dito que eu estava naquela terra? E puz-me a pensar... No dia seguinte, de manhã, um homem veio trazer um embrulhinho para um dos meus companheiros de viagem e que se tinha ausentado a noite toda. Tive um palpite: abri. Lá dentro, havia maços de papéis, acabados de imprimir. Anunciavam a minha próxima presença numa casa nas imediações das minas de S. Domingos. Quem quisesse pagar, podia admirar a minha anormalidade!

— E depois?

— Senti-me só, desamparado, com o coração apertado mas tive forças para desmascarar o meu companheiro, que era conhecido de uma família minha protectora mas que era indigno da sua confiança... Não fui!

UMA PREGUNTA IMPREVISTA

O «menino» Alberto, que nos recitou a «Poesia do Asilo», sabida na ponta da língua, já entrou numa revista lá na terra, em benefício do hospital e, apesar de não ser «menino de palco», representará outra vez, se fôr preciso. Mas sem «ponto» que o ponto atrapalha-o — o que é de certo modo um bom exemplo para aqueles dos nossos artistas de teatro que nunca sabem os papéis...

Preguntámos-lhe quantos metros de fazenda precisa para fazer um fato e o «menino» Alberto explica:

— Por obra de Deus, não preciso mais do que os três metros que qualquer homem normal. A não ser que seja com o colete, que, então, sempre preciso de mais uma quarta...

Como o coleto é sempre muito emendado, não faz diferença.

Apertada à orelha, o «menino» Alberto traz uma ponta de cigarro apagada:

— Fuma?

— Bastante. Apanhei este hábito em criança. Como sofria de falta de ar, fumava cigarros e aos pós da Abissínia...

— É sua família?

— Gente humilde, absolutamente normal. Minha mãe era muito baixinha. Eu cresci até aos oito anos. Aos nove, tinha a altura que tenho hoje... Passei esses anos quase todos na cama, porque era muito fraco e não me segurava em pé. Por isso, tomei muitos banhos de vinho mósto, para enrijar os músculos...

— Gosta de ler?

— Muito. Mas não sou «romancista».

O «menino» Alberto explica depois que não ser «romancista» é não estar de ler romances. De repente, faz-nos uma pergunta imprevista:

— É solteiro ou casado?

Dizemos que somos solteiro e o estranho entrevistado logo comenta:

— Está bem.

E por «menino» passa a tratar-nos também... Diz-nos que costuma passar aos seis meses em casa dos viscondes de S. Marcos e aponta-nos nomes de médicos e advogados alentejanos, em casa de quem costuma ficar temporadas a costurar.

REPRESENTANTE DIVINO

— Há quanto tempo trabalha?

— Para me sustentar, desde que morreu minha mãe, que me deixou uma casinha modesta que empresto a minha irmã, para lá viver, enquanto estou fóra...

— Qual é o número dos seus sapatos?

— Vamos lá, para a altura... 44.

Diz-nos depois que não foi recenseado e que não lhe passaram salvo-conduto: é um ser à margem dos outros seres que o perseguem, que o bisbilhoteiam, que o troçam, que o atacam...

E chega a vez de explicar: O «menino» Alberto julga-se em comunhão com Deus — de quem é representante na Terra... A sua matéria é inviolável e, — é ele que o diz, está claro... — porque Dues quer, quando vão para o atacar, os inimigos estacam, contidos pela força divina. Tem testemunhas do que diz, poderia provar a divinização do seu corpo. Mas não quer especulações, mesmo no campo religioso. Quando morrer, saberá o mundo quem ele é...

— Há pessoas nas suas condições que se dão ou vendem à ciência, para depois ser estudadas...

— Depois da minha alma ter saído do meu corpo, podem fazer o que quiserem. Dinheiro é que não... Trouxe do Alentejo um cartão de um médico, para o sr. Dr. Mário Moreira que há-de examinar-me, mas só mais daqui a uns dias, lá para o fim do mês...

E logo nos recomenda e ameaça:

— O menino não diga nada no jornal, do que eu lhe estou a contar, antes de chegar o fim do mês!... Não quero, já estive a fazer as contas, não quero, que lhe pode suceder alguma coisa de mau...

Preguntamos-lhe se «adivinha» ou se é «vidente» mas ele diz-nos que não:

— Isso só Deus, e eu não tenho o poder de Deus...

— Já viu jogar o futebol?

— Não. Tenho ouvido falar no futebol, no «box» e noutros jogos violentos que me impressionam muito os nervos e a imaginação, mas nunca assistirei a esses desafios que

mevem com a minha excessiva sensibilidade...

— E os teatros? E os cinemas?

— Não vou, por uma questão de pudor. Evito todo o contacto que possa macular a minha alma. É por isso que me retiro do mundo e fico em casa, a brincar com as crianças, a trabalhar, a falar com as senhoras que me ajudam a viver...

— Gosta de música?

— Muito. Gosto muito de ficar aqui nesta salinha, a ouvir a rádio... Às vezes, ponho-me a chorar, sem saber de quê...

E diz que, ao passo que muitos o desrespeitam, pela sua anormalidade física e pelo seu espírito religioso, outros o estimam e escutam:

— Quando vieram aquelas leis que tabelavam os trigos e fiscalizavam os celeiros do Alentejo, muitos lavradores arrepelavam os cabelos, dizendo que era a sua morte e a sua ruína. E, então, eu pacifiquei-os e disse-lhes que estava tudo certo e que assim é que era bom para todos...

ADMIRADOR DE SALAZAR

O «menino» Alberto sorri beatificamente:

— Pois não é verdade que tudo quanto Salazar faz está bem feito? É uma grande cabeça. Salvou o nosso País. Se eu pudesse, em cada terra punha-lhe uma estátua, que ele fez de Portugal um grande mundo! Enquanto eu não morrer, Salazar viverá! Asseguro-lho!

E, mais adiante:

— Lá para o fim deste mês, vou dar umas voltas...

— Que voltas?

— Não posso dizer. Mas fique sabendo que, em acabando a Guerra, hei-de chegar à presença do sr. Presidente do Conselho, que ele ampara todos os meninos...

— Mas...

— Preciso, daqui a pouco, de uma pensão pequenina, para me ajudar e poder morrer em minha casa. Vou perdendo as forças para o trabalho, que 58 anos para mim já é muito...

— Como vê os outros homens, lá da sua altura?

— Com humildade... Não me parecem mais pequenos, embora seja eu o mais alto...

O «menino» Alberto, cujo nome completo é Alberto Moreira Palma, mas que em todos os documentos oficiais e dados dactiloscópicos figura como menino — é ele ainda que nos informa... — não é, como poderia supor-se, um anormal vulgar — passe o eufemismo — nem um demente comum. O seu caso é muito especial — um caso que Giovanni Papini se esqueceu de retratar mas com o qual a psiquiatria poderia muito bem construir um novo tratado como introdução ao sistema freudiano. O nosso homem — perdão: o nosso menino — raciocina com assombrosa facilidade. E, não obstante ter, como tem e é indiscutível, uma deformação psicológica que corresponde a uma deformação física, põe os problemas com extrema simplicidade, embora resolva muitos deles ao invés do que a bizarria do nosso correntismo julga ser o mais prático e o mais certo: colheu da humanidade uma impressão dolorosa que magoou a sua sensibilidade delicada e doentia; vive dominado pela perocupação mística e as suas conclusões oferecem às vezes sabor novo, embora chocante.

Ei-lo que continua:

PLANOS FÚNEBRES

— Não quero morrer sem pôr a

minha vida em prática. Mas escrita por meu punho...

E explica-nos que a «prática» é um pequeno sermão que o padre há-de dizer na igreja da sua terra.

— Gosta de viver?

— Que importa? Só viverei enquanto Deus quiser e morrer não me dá cuidado, uma vez que tenho a certeza de que hei-de ter tempo para cumprir um desejo...

— Qual é?

— Fazer a minha mortalha. Nem que seja de pano crú. Quero ir de corpo à terra e hei-de enterrar-me descalço e sem caixão, está claro...

— Tem tido muitas doenças?

— Não. Há uns sete ou oito anos, estive com albumina e até tomei seis litros de leite por dia...

— Come muito?

— O que come qualquer homem normal. Mas nunca satisfação todo o apetite... a gula é contrária aos preceitos divinos...

Pedimos-lhe um retrato. Mas o «menino» Alberto tem a mania de deixar tudo para a última hora: só se fôr lá para o fim do mês...

Ele já está fatigado mas ainda nos diz que muitas vezes gosta de se sentar enquanto costura e que não desdenha de jogar a sua partidinha de loto:

— A dinheiro, não, que Nosso Senhor não quer!

— Não se sente humilhado?

— Deus fez-me assim, para bem da humanidade. Posso provar que é assim!

E tem uma pena:

— Coitados, daqueles que me insultam, mesmo só com o pensamen-

to! Eles não sabem que eu sou logo avisado pelo coração que escalda.

Toda a gente o trata por «menino» Alberto e é assim mesmo que ele quer que o tratem. Os seus gestos são brandos como as palavras. Dá aos ombros um jeito de aconchego, como de quem vai dizer alguma coisa em segredo. Usa o cabelo cortado, como qualquer homem, e com um risco ao lado. Já não tem cabelos pretos, mas também não ficou calvo. Em compensação, na frente, só tem dois incisivos, colocados no maxilar superior: dois dentes grandes e amarelos. As rugas são normais num homem de 58 anos. Dorme pouco e está sempre em sobressalto, durante a noite. A cama é de quem lhe cede na cama amiga: dobra as pernas e lá fica como pode.

Insistimos pelo retrato, insistimos pela entrevista. Por fim consente. E põe-se diante da objectiva, preocupado e fútil:

— Ficarei bem? Que ponto quer que faça? Talvez pé-de-flor...

E admira-se:

— Tão grande, que eu sou, e calvo nessa máquina tão pequena?

O fotógrafo carrega na mola e sai uma fotografia... Nós descarregamos a memória carregada de impressões que ele não deixou apontar:

— Entrevista, não. Só se fôr para o fim do mês...

E aqui tem o leitor o «menino» Alberto, um ser inofensivo e bom, que alguma vez terá visto passar 'inconfundível, entre a multidão — uma vida sombria e simples que já ganhou o céu... da desesperança...

LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL

Escutai ROMA!
RADIO CENTRO EIAI IMPERIAL

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas	Estações		
8.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
12.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
14.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
22.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
22.40 Noticiário	Dadas médias		
	m. 221.1		
0.00 Noticiário	m. 263.2		
	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.95
21.20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830



CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA
Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

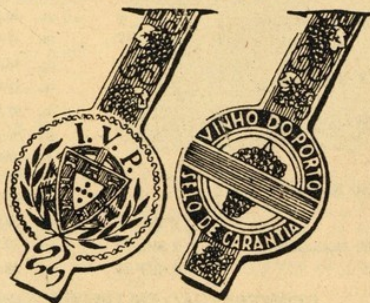
Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos



1942

O

VINHO do PORTO
dos velhos tempos—corre
o País autenticado pelo
SÊLO de GARANTIA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA
(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7.15	WDJ	Todos os dias	39.7 m (7.565 mc/s)
7.15	WRCA	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9.67 mc/s)
7.15	WNBI	Sá 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
8.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9.67 mc/s)
8.30	WNBI	Sá 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
18.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
19.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
19.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

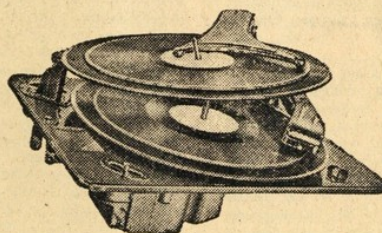
OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA

DISCOFONES

COM MUDANÇA AUTOMÁTICA DE DISCOS
em caixas de madeira de belo acabamento

permitindo a audição de 8 discos grandes e
pequenos sem qualquer interrupção.

O APARELHO IDEAL PARA OS AMADORES DE BOA MÚSICA



Concertos, Sinfonias, Sonatas

e tôdas as obras com 3 ou mais discos
em gravações especiais próprios para
serem reproduzidos automaticamente.

Demonstrações nos

EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97

Figuras da Vida
MUNDIAL



SANTANA

GENERAL MARSHALL
O grande chefe do exército dos Estados Unidos da América do Norte.
(Caricatura de Santana)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

capítulo XV - A evolução americana

6

A CASA DO VIZINHO A ARDER

O discurso que o presidente Roosevelt proferiu no dia 17 de Dezembro marca o ponto culminante da evolução dos meios oficiais norte-americanos. A história registou-o através de uma das suas passagens que revelavam a preocupação do orador desejoso de encontrar fórmulas bastante sugestivas para impressionarem a imaginação dos seus compatriotas. Estes continuavam a mostrar-se incertos e divididos. A campanha isolacionista perdera, é certo, a sua principal justificação. Mas os círculos de dirigentes e influentes que combatiam a entrada dos Estados Unidos na guerra continuavam a mostrar-se muito activos. O seu papel se não consistia já em levar a nação a adoptar os pontos de vista preconizados pelos seus «leaders», seria uma tarefa de divisão que perturbava e mantinha a discórdia. Só a personalidade vigorosa do presidente era capaz de contrariar eficazmente o seu esforço e de ir organizando as energias e canalizando as boas vontades que haviam de traduzir-se, oportunamente, por determinados preparativos industriais e militares.

O motivo imediato do discurso presidencial foi a questão do auxílio à Grã-Bretanha. Esse auxílio continuava a ser dado em material de várias espécies pago em esterlino e com títulos ingleses. Como Lord Lothian acentuara pouco antes do seu falecimento, uma tal situação não podia prolongar-se por muito tempo sem grave risco para a estabilidade financeira da Inglaterra. Mas os meios financeiros e industriais norte-americanos não se encontravam muito decididos a sacrificar os seus interesses perante as necessidades crescentes dum país amigo.

As últimas encomendas britânicas nos Estados Unidos, feitas já durante o mês de Dezembro, elevavam-se a uma cifra muito avultada: setecentas e cinquenta mil libras. Nessas encomendas incluíam-se doze mil aeroplanos, de diversos tipos, sessenta navios de carga e equipamento militar diverso, incluindo «tanks» e peças de artilharia. Como iam elas ser satisfeitas? Mas sobretudo como iam elas ser pagas? O presidente e os seus colaboradores julgavam que tinha chegado o momento de dar mais um passo no sentido de contribuir para que a Grã-Bretanha ganhasse a guerra, quaisquer que fossem os riscos a correr.

O ATAQUE ÀS POTÊNCIAS DO «EIXO»

Foi nessa altura que o presidente do Comité de Defesa Nacional, Knudsen, revelou a extensão das encomendas feitas à indústria particular norte-americana para equipar um exército nacional e para enviar à Grã-Bretanha e aos seus aliados. Os números revelados eram, efectivamente, de molde a causar espanto: cinquenta mil aviões, quarenta e duas mil peças de artilharia pesada e ligeira, trinta mil

metralhadoras, nove mil «tanks», um milhão e trezentas mil espingardas, trinta e três milhões de granadas e centenas de navios. Era um plano gigantesco. Estava a indústria norte-americana em condições de o executar com a pontualidade e a brevidade que as circunstâncias exigiam? Este era o ponto que justificava todas as dúvidas. A produção de aviões não excedia a média mensal de setecentas unidades, um total anual de cerca de oito mil aparelhos, o que era, manifestamente, insuficiente para contrabalançar a produção dos países do «eixo», que atingia, então, o seu ponto culminante. A transformação da indústria automobilística para fins de guerra revelava-se bastante mais demorada do que ao princípio se previa. Entretanto, era evidente que o exemplo da Europa, onde as nações caíam, como um baralho de cartas, perante a afirmação vitoriosa do poderio militar alemão, não convidava apenas à meditação mas constituía um incentivo para a acção. Era preciso



Knudsen

trabalhar mais, era preciso trabalhar melhor. As declarações de Matsuoaka e do ministro dos estrangeiros do Reich, Ribbentrop, vinham ainda adensar a atmosfera de suspeições que começava a envolver a república norte-americana. Mas, mais do que essas declarações, as afirmações peremptórias dum porta-voz da Wilhelmstrasse emocionou, profundamente, a opinião pública nos Estados Unidos: «Em relação ao Reich, dizia esse intérprete do pensamento oficial alemão, a política dos Estados Unidos tem consistido numa série de dificuldades e ataques de ordem moral, de desafios algumas vezes e outras de insultos. O auxílio que está a ser prestado à Grã-Bretanha, consideramo-lo insuportável e não será, certamente, tolerado por muito tempo. Nada mais claro e categórico. Em Washington, entretanto, absteram-se de dar uma réplica oficial às ideias que estas palavras traduziam.

FIM DO MÊS E FIM DO ANO

«Quando a casa do vosso vizinho está a arder, vós não lhe pedis o dinheiro com que ele há-de comprar-vos a mangueira para extinguir o incêndio. A vossa obrigação é ir buscá-la, o mais rapidamente possível, atacando, com ela, o incêndio. Quando o fogo se apaga, o vizinho devolve a mangueira e manda reparar os estragos que ela, porventura, tenha sofrido». Esta era a expressão imaginosa que o presidente encontrara para levar os Estados Unidos a abandonarem a fórmula intrasigente do pagamento imediato, em dinheiro ou em títulos, do material fornecido à Grã-Bretanha. O efeito que ela produziu foi imenso. Mas é inegável, apreciando os acontecimentos a distância, que a evolução favorável de que ela foi o ponto de partida apareceu singularmente facilitada pelas atitudes contemporâneas dos adversários da Inglaterra.

Isolacionistas e pacifistas começaram a ser vistos de maneira especial e significativa. Principalmente nas grandes cidades, o movimento de hostilidade em relação a esses elementos estava a tornar-se verdadeiramente ameaçador.

O presidente, sempre atento às reacções da opinião pública, aproveitou imediatamente o ensejo que as circunstâncias lhe proporcionavam. Compreendendo que o ataque às potências do «eixo» e ao Japão era, para a realização dos seus verdadeiros objectivos, incomparavelmente mais eficaz que a defesa da causa da Grã-Bretanha, enveredou por esse caminho. As suas declarações públicas passaram a ter as características de um libelo acusatório. Condenar o nazismo, o fascismo italiano ou o expansionismo nipónico era muito mais lucrativo para os fins que tinha em vista do que exaltar a bravura do povo de Londres, que suportava o peso de ataques aéreos em massa idênticos aos que haviam destruído Rotterdam.

Assim terminou o mês de Dezembro e o ano de 1940. Ano de consequências dramáticas para a Grã-Bretanha e para a causa que ela representava. Ano de indecisão e de dúvidas, de hesitação e de inquietação para os Estados Unidos. Um único facto concreto ressaltava no termo d'ele que encorajava os ingleses e os incitava a continuarem a resistência. Esse facto era a reeleição de Roosevelt.

O NOVO EMBAIXADOR EM LONDRES

A marcha dos acontecimentos indicava a necessidade, e mais que a necessidade, a urgência, de estabelecer em bases novas as relações anglo-americanas. Essas relações não podiam continuar-se no âmbito do formalismo burocrático ou da rigidez diplomática. A Inglaterra decidira nomear o sucessor de Lord Lothian, escolhendo-o entre uma das figuras mais representativas da aristocracia e da política. A circunstância de Lord Halifax ter sido vice-rei da Índia dava-lhe uma categoria excepcional e uma autoridade única para desempenhar as suas novas funções. Os Estados Unidos, aproveitando o ensejo fornecido pela demissão do embaixador Kennedy, iam proceder de maneira idêntica. Mas a escolha do presidente,

longe de recair numa individualidade que, pelos seus meios de fortuna ou condições de família, pudesse receber nos meios aristocráticos e mundanos de Londres um acolhimento particularmente favorável, ia recair numa individualidade conhecida pelo seu idealismo e pela sua dedicação às causas justas e nobres que se relacionam com o futuro da humanidade.

O novo embaixador norte-americano na capital britânica era o sr. John Winant, que tivera um papel preponderante na organização dos serviços de trabalho da Sociedade das Nações, os únicos que demonstraram praticamente a sua eficiência na máquina da cooperação internacional montada depois da última conflagração. O sr. John Winant foi, à sua chegada a Londres, acolhido na gare por um representante da família real inglesa, o duque de Kent; Lord Halifax, por seu turno, viajou, para assumir o seu alto posto, a bordo do couraçado «Georges V» e foi, ao desembarcar, acolhido pessoalmente pelo presidente Roosevelt. Este género de recepções era manifestamente contrário a todo o protocolo estabelecido.

Antes da chegada do sr. Winant a Londres, estivera ali, como representante pessoal do presidente Roosevelt, o seu mais íntimo amigo e dedicado conselheiro, Harry Hopkins. A missão oficiosa deste enviado do presidente consistia em averiguar do verdadeiro estado moral da opinião inglesa, fundamento indispensável para a execução dos projectos presidenciais.

UM ORÇAMENTO DE GUERRA

O mês de Janeiro de 1941 marcou a afirmação categórica da vontade americana em se não deixar ultrapassar pelos acontecimentos que tinham surpreendido a Grã-Bretanha desarmada. O intérprete dessa vantagem era o presidente Roosevelt e a expressão pública de que ela se revestiu foi a apresentação do orçamento para o ano fiscal que devia terminar em 30 de Junho. Esse orçamento incluía um montante de mais de dezasseis biliões de dólares destinados a organizar, segundo a própria expressão do respectivo relatório, as forças de terra, mar e ar capazes de enfrentar qualquer contingência. Tratava-se praticamente, de um gigantesco programa de rearmamento que ia começar a executar-se. O mundo, que conhecia a importância da intervenção americana na última conflagração, não deixou de manifestar o interesse que lhe merecia a decisão americana. Mas nos países do «eixo» essa decisão, que se traduzia de momento apenas pela apresentação de cifras astronómicas, foi tida na conta de simples exteriorização mais destinada a produzir os seus efeitos no plano da política interna do que a ter repercussões sérias e imediatas no plano da política internacional.

N.a abertura da sessão legislativa em que esse orçamento foi apresentado, o presidente Roosevelt proferiu um discurso, sensacional por muitos títulos, em que dizia: «A América não se deixará intimidar pela ameaça dos ditadores. Não se importa com o juízo que eles formam sobre o auxílio que está prestando à Grã-Bretanha. Se os ditadores estiverem em condições de nos atacar não esperarão que nós pratiquemos qualquer acto de guerra. Não esperamos igualmente que a Noruega, a Bélgica ou a Holanda os praticassem. A felicidade das futuras gerações de americanos depende das decisões que nós tomarmos neste momento».

Do gigantesco orçamento apresentado para realizações militares, a maior parte destinava-se a reforçar os efectivos da esquadra e da aviação. Mas o exército não deixava de ter a sua parcela, de inegável importância, nas verbas prescritas, devendo o plano de rearmamento nacional executar-se num prazo de três anos. Na mesma altura foi criado o departamento para tratar dos assuntos da produção, sendo, a sua direcção confiada ao sr. William Knudsen, tendo como adjunto o sr. Sidney Hillmann.

A LEI DE EMPRÉSTIMO E ARRENDAMENTO

A concepção militar defendida pelo presidente não tinha qualquer carácter agressivo. Pelo contrário, era a defesa do hemisfério ocidental como condição imprescindível da defesa dos Estados Unidos que Roosevelt preconizava e era à volta dessa ideia defensiva que architectava os seus projectos. A proposta que enviou ao Congresso, para assegurar essa de-



O embaixador Winant conversando, em Londres, com Harry Hopkins

lesa, revestia-se duma alta importância. Nessa proposta eram concedidos ao presidente os seguintes poderes:

1) Para mandar fabricar nas oficinas e estaleiros dos Estados Unidos todas as armas e realizar todas as construções para serem fornecidas aos governos dos países cuja defesa o presidente considerasse de importância vital para a defesa da América;

2) Para vender, transferir, trocar, emprestar e arrendar para esses países todos os artigos de material de guerra que pudesse contribuir para assegurar aquela defesa;

3) Para fornecer aos governos dos países que se encontrassem naquelas condições todas as informações de carácter militar consideradas de interesse para assegurar a defesa da América;

4) Para permitir a exportação para os referidos países de todos os artigos que até ali não fosse permitido exportar.

A importância desta proposta, que uma vez transformada em lei do país ficou conhecida pela designação de «lease and lend» (empréstimo e arrendamento), era capital para a continuação da guerra por parte da Grã-Bretanha. As dificuldades de ordem financeira, a que Lord Lothian tão insistentemente se referia antes da sua morte, ficavam assim automaticamente resolvidas. As armas fabricadas nos Estados Unidos poderiam ser entregues à Grã-Bretanha dispensando-se o seu pagamento. Além disso ficou assente que a aprovação da proposta presidencial permitia que os navios britânicos avariados em combate fossem reparados nos estaleiros americanos, desde que o presidente entendesse que essas reparações deviam ser feitas em nome do interesse nacional.

O senador Brakley, que se encarregou da defesa da proposta presidencial no Senado, não deixou de acentuar junto dos seus colegas toda a gravidade de que ela se revestia e de explicar, claramente, quais eram as consequências inevitáveis da sua aprovação. Mas a solidiedade do Congresso era indispensável ao presidente para que os seus pontos de vista deixassem de ter um significado pessoal e passassem a ter um significado nacional.

A DISCUSSÃO NO CONGRESSO

As delongas postas pelo Congresso à aprovação da lei de empréstimo e arrendamento constituíram o sintoma mais ameaçador que as potências do «eixo» e o Japão podiam considerar. Tendo dado entrada para discussão na Câmara dos Representantes, em 15 de Janeiro de 1941, a lei respectiva só foi definitivamente aprovada em 7 de Março, depois de ter sofrido algumas alterações de certo vulto. As comissões dos negócios estrangeiros, tanto no Senado como na Câmara dos Representantes, levaram certo tempo a formular os respectivos pareceres, os quais, de resto, só foram dados depois de debates que, como aqueles que se travaram nas duas casas do parlamento norte-americano, serviam apenas para provar que os isolacionistas não desistiam, definitivamente, de porem todos os entraves possíveis à acção decidida do presidente e da Administração.

O secretário de Estado, Cordell Hull, foi obrigado a proferir diversos discursos, o mesmo sucedendo aos seus colegas Stimson e Knox, que se revelavam os mais ardentes partidários da aprovação da lei e da intervenção do seu país no conflito.

O próprio presidente interveio pessoalmente no debate para apressar, com o péso da sua

opinião, o voto do parlamento. Além de proferir um discurso, que representava uma censura indirecta à maneira lenta como a discussão estava decorrendo, o presidente convocou uma reunião dos principais chefes parlamentares dos dois partidos, democrático e republicano, a fim de lhes mostrar os inconvenientes que, tanto sob o ponto de vista interno como externo, resultavam das demoras verificadas. Isso não impediu que as comissões dos negócios estrangeiros das duas casas do parlamento, e de maneira especial a do Senado, insistissem em ouvir demoradamente várias personalidades sobre as consequências possíveis da aprovação da lei. Essas personalidades manifestavam-se pró ou contra, segundo as suas opiniões já conhecidas e publicamente afirmadas. O antigo embaixador Kennedy, porém, com grande surpresa dos isolacionistas, manifestou a sua confiança na vitória final da Grã-Bretanha. O coronel Lindbergh continuou a declarar que nada seria capaz de bater a força aérea do Reich e que nessas condições a aprovação da lei representava um erro e um perigo.

UMA DECISÃO HISTÓRICA

Mas foi o candidato derrotado na eleição presidencial, Wendell Wilkie, que produziu o depoimento mais sensacional afirmando que só a aprovação rápida da lei de empréstimo e arrendamento era capaz de salvar a Grã-Bretanha, constituindo, assim, a única maneira eficaz de evitar que os Estados Unidos viessem, por seu turno, a ser vítimas de uma agressão no futuro. As suas declarações produziram uma impressão muito viva não apenas nos meios parlamentares e políticos, mas junto da opinião pública, cuja evolução se acentuava. As emendas introduzidas pelo Congresso norte-americano na proposta inicialmente apresentada pelo presidente Roosevelt, eram as seguintes:

1) Os poderes de que o presidente podia usar à sombra da lei de empréstimo e arrendamento deviam, praticamente, cessar no dia 30 de Junho de 1943. Os parlamentares norte-americanos consideravam, portanto, que as hostilidades deviam prolongar-se ainda durante um período mínimo de dois anos;

2) Sem uma nova autorização especial do Congresso, o valor dos artigos cedidos à Grã-Bretanha e aliados para a sua defesa não devia exceder o total de 325 milhões de libras;

3) A entrega desses artigos devia ser sempre precedida de parecer dos chefes de Estado Maior dos vários ramos da força armada (exército, marinha, aviação);

4) Os produtos agrícolas podiam ser incluídos no número dos artigos a enviar e o seu envio poderia fazer-se para outros países, além daqueles para os quais era enviado material de guerra;

5) O presidente devia dar, periodicamente, ao Congresso conta da maneira como usava os poderes que pela lei lhe eram conferidos excepcionalmente.

A importância das resoluções tomadas, que significava um estado de pré-beliçerência activa, foi claramente posta em relevo pelo «leader» do partido republicano na Câmara dos Representantes, Thomas Martin, ao afirmar quando a discussão terminou: «Acabamos de tomar uma resolução histórica na vida do nosso país. Estou convencido de que nos manteremos todos unidos para a defesa da liberdade. Somos um povo decidido a fazer todos os sacrifícios para que o americanismo não desapareça da face da terra».

(Continua)

Panorama Internacional

A GUERRA TRANSFORMADA

por Francisco Velloso

ACUMULAM-SE os sucessos políticos quando, já na vertente final do ano, a guerra, transformada no panorama internacional, aguarda ainda o desfecho da batalha de África, em que se disputa o senhorio do Mediterrâneo. Nesses acontecimentos frêmem simultaneamente a ansiedade de se acelerar o termo do conflito e a não menos acelerada oportunidade de se definirem atitudes para o depois da guerra.

Um facto histórico de jugular expressão vem à cabeça do ról. E por êle começamos esta revista.

○ ENGANO DE TÓQUIO



ROOSEVELT

A 7 de Dezembro, comemorava a América do Norte sob o título que Roosevelt lhe após, de «grande infâmia», o assalto japonês a Pearl Harbour. Nesse dia, em cerimônia: de fúnebre recordação, o povo norte-americano lembrou o castigo espantoso de uma política de derrota que começou quando, ao regresso do presidente Wilson da Europa, o Senado de Washington se negou a aprovar a paz, recusando tomar parte da Sociedade das Nações, e rematou nos traçozeiros enredos do isolacionismo, movido com extrema habilidade pelas organizações secretas—que a quinta coluna alemã dos famosos «Bunds» conduzia de facto uma formidável opposição ao presidente Roosevelt.

Já aqui trouxemos à vista dos leitores os liâmes dessa política, os seus objectivos, os seus centros de radiação, a sua enorme força, para que dispensado nos seja repeti-los por lembrança.

Não são hoje escassos os livros que o narram, sobretudo o de Chéradame que é definitivo e conclusivo nas suas revelações irrecusáveis. As pessoas mais ou menos versadas na história da grande nação americana, sabem por demais como em Pearl Harbour se concluiu um longo debate entre duas orientações opostas na política externa e até na política económica dos Estados Unidos.

No seu último livro de viagens à poderosa república, feita a curtos meses de distância da eclosão da guerra, André Maurois conta episódios, por vezes anedóticos, da desorientação (que roçava por criminoso anti-patriotismo) então deflagrada. Num deles, certa dama de alta condição e influência chegava a afirmar-lhe desfaçadamente que preferia ver o Japão vitorioso só para saborear um desastre de Roosevelt! Era uma das saídas da falsa

era da «prosperidade», de que Hoover foi o arauto, e que não perdoava as provações do «New Deal» aos ricos feudais da bolsa e dos «trusts».

Quando estalou a chicotada de Pearl Harbour a opinião norte-americana sentiu-a em plena face. Em menos de quinze dias, o arranco de guerra rompia desde a fronteira do Canadá ao Golfo do México e desde Boston à Califórnia.

Um comentário de Berlim chamou ao desastre um «bluff», e diz que se as nações sul-americanas então souberem a grandeza da derrota, não se abalançariam a colocar-se ao lado dos Estados Unidos. O almirantado norte-americano revelou todas as perdas sofridas pela esquadra e pela aviação: na madrugada de 7 de Dezembro de 1941, foram afundados, ou postos fora de serviço com graves avarias, 5 couraçados, 3 contratorpedeiros, uma grande doca flutuante e dois navios auxiliares da esquadra do Pacifico dos Estados Unidos; 3 couraçados, 3 cruzadores e 2 barcos auxiliares foram avariados, e um dos primeiros, o «Arizona» ficou inutilizado; 177 aviões foram destruídos.

Foi, de facto, um desastre espantoso. Escreveu-se há pouco, que se os japoneses intentassem desembarcar na costa ocidental, o teriam feito com vantagem, abalando em alarme a resistência. Não crêmos em que os Estados Unidos se resignassem.

No entanto, não houve «bluff» algum. O almirantado somente ocultou as perdas para as não dar a conhecer ao inimigo que de facto o não conseguiu saber plenamente. Mas—ainda há pouco no-lo narra-vamos um compatriota que por lá andou nesses dias—ninguém duvidou do vigor do achincalhe sofrido nem do extraordinário valor das perdas. Todas as Américas o souberam.

O erro do cálculo nipónico e portanto o de Berlim e Roma, foi suporem que a nação assim abatida em suas lidimas prosápias, reconhecer-se-ia impotente para reagir e concertar-se-ia com o vencedor. Deus-se o contrário. O Tio Sam arregaçou as mangas e foi, mesmo desarmado, para as fileiras, para o convés das unidades da esquadra, para os estaleiros e para as fábricas. Os Estados Unidos reclamaram ao presidente a declaração da guerra. Dentro de um ano, passavam à ofensiva, eram um dos conductores, senão o condutor da coalisão das Nações Unidas—e desmbarcavam, de bandeiras desfraldadas, em Argel e em Casablanca. As potências do «Eixo» tinham-se enganado.

A DESFORRA DO TIO SAM



EISENHOWER

Nesse dia de triste comemoração, o bravo almirante Nimitz, comandante em chefe da esquadra do Pacifico, podia alevantadamente declarar que no primeiro ano de guerra as suas forças haviam realizado estas três importantes missões: A primeira foi a de garantir a segurança para o transporte de homens e materiais para as zonas de combate através do maior dos Oceanos. A segunda foi a de repelir todas as maiores incursões do inimigo, principalmente no Mar de Coral, em Midway e nas Ilhas Salomão, obrigando o inimigo a uma guerra de desgaste que vai reduzindo o seu poder aéreo e marítimo. Em terceiro lugar, a maior parte dos barcos que foram avariados em Pearl Harbour ingressaram novamente nos efectivos da marinha, melhor apetrechados do que nunca, e a cidade de Hawaii foi consideravelmente reforçada.

A estas conclusões de que a bandeira norte-americana pode justifi-cadamente orgulhar-se, é de juntar,

pelô que toca ao Atlântico, e em cooperação entrelaçada com a Armada Real, o trabalho ingente da limpeza das estradas marítimas do mundo afim de facilitar as operações militares de amanhã, trabalhos que a 8 de Novembro do ano corrente ofereceram súbitamente ao mundo, o primeiro acto magistral da acção ofensiva das Nações Unidas nesta guerra:—a expedição norte-americana de Eisenhower à África francesa do Norte. E aditem-se-lhe mais êstes números formidáveis: No ano de 1942, os Estados Unidos terão fabricado, aproximadamente, 49.000 aviões, 32.000 tanques e peças motorizadas, 17.000 peças anti-aéreas de calibre superior a 20 m/m. e 8.200.000 toneladas de navios mercantes.

O representante da Associação Nacional dos Fabricantes dizia no dia 7 que os produtos para a guerra estão a sair das fábricas americanas com uma rapidez quatro vezes superior à de há um ano. Declarou que a produção de aviões era três vezes e meia superior à de 1941, a de equipamentos 6 vezes e 1/4, a de tonelagem naval 2 vezes e 3/4 e a de tonelagem mercante 5 vezes superior.

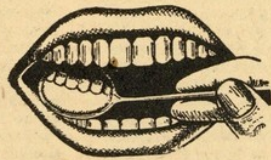
Quando Lord Lyttelton—regressou há pouco a Inglaterra, da sua importantíssima viagem à América onde como ministro inglês da produção, e rodeado de peritos, foi concertar com os grandes chefes americanos dos abastecimentos os grandes programas da produção de guerra para 1943—êle que, não passaram ainda muitos meses com razão e até com sua ponta de estimulante vanglória, citava os quáis sobrehumanos esforços das oficinas britânicas—concluía que os Estados Unidos não faziam navios, mas milagres.

No «dia negro», o dia de Pearl Harbour, os estaleiros dos Estados Unidos, para significarem a que grau subiu a sua desforra lançavam à água o maior couraçado do mundo, de 52 mil toneladas, o «New Jersey», três porta-aviões, e dois contra-torpedeiros, o couraçado com 18 meses de avanço sobre o prazo marcado para a construção. É quasi a vertigem.

Quatro milhões e meio de homens fornecem o exército que o sub-chefe do estado maior, tenente-general Monarney, anunciou ir estender nos próximos meses a ofensiva aliada à própria Europa e à Ásia. E isto vale tanto como o plano Kayser para a reconstrução económica da paz ou como as proclamações do velho Ford de que as suas fábricas vão produzir um «Liberator», de duas em duas horas, e de Nelson, o ditador da produção, de que, pela primeira vez, os Estados Unidos, es-

Gengivas sãs

Dentes fixos, sem cárie e sem piorreia



Só com PARGIL

(Produto medicinal)

e nunca com os dentífricos que, martelando na palavra «micróbios», não passam de banalidades falsamente medicinais de laboratórios de perfumarias.

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara amente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.**

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

tão agora a produzir armamentos em volume igual ao de toda a produção das potências do «Eixo».

O presidente do governo nipónico, o almirante Togo podia, há semanas, aventurar-se a declarar em derrota o seu gigantesco adversário no Pacífico. Mas os ventos mudaram. A condição essencial da Segunda Frente aliada — a superioridade dos meios — está realizada. Do período dos grandes triunfos fulgurantes do Japão, resta somente a muralha de separação que, de Hong-Kong a Timor, veda os acessos do Sul às esquadras aliadas, por isso mesmo obrigadas a enormes desvios, exigindo toneladas suplementares, mas por detrás dessa muralha ficou indenne a base continental da Austrália e a brecha foi rompida nas de Salomão com formidáveis perdas navais para o Sol Nascente, e na Nova Guiné onde os nipões estão acurrallados na aldeia de Buna, resto do que intentaram ali conquistar, e prólogo da ofensiva estratégica que libertará a linha vital de comunicações de S. Francisco a Sidney, pelas Hawai e nas Samoa e, na hora em que Wawell desencadear a ofensiva na Birmânia em coligação com a de Chang-Kai-Chek, reconquistando Singapura dentro do Siao e amordaçando a felonia de Decoux, na Indochina, terá fendido de alto a baixo a muralha japonesa do Sul.

UMA GRANDE RAINHA



A estas revelações dos Estados Unidos ignorados em todo o mundo, que somente era visto nas fotografias dos arranhacús do Manhattan, nos rings

SUMNER WELLS truculentos das lutas de «box», nos campos bárbaros dos jogos violentíssimos, nas originalidades inenunciáveis de uma raça a rir-se de dentes alvos, sem medo de todas as incertezas do futuro, nos frisos deslumbrantes das «girls» dos «music-halls», nos relâmpagos dos «filmes», na velocidade e no cartaz, e que dentro de um ano amostra ao mundo estadísticas, almirantes, generais, diplomatas, industriais e economistas, de primeira classe, ao serviço de uma consciência nacional robustíssima que vai dependurar o retrato de Franklin Roosevelt, numa época fremente de heroísmos, ao lado dos de Washington e de Lincoln, — a tudo isto veio dar realce, em plena batalha do Pacífico, a voz duma grande Mãe e admirável Mulher: — a Rainha Guilhermina, da Holanda.

Foi essa, durante os últimos oito dias, uma bela hora de comção. Pode mesmo dizer-se que, em tão curto prazo, pertenceu o primeiro lugar a três altos, e todos excepcionais representantes de países ocupados, só por injustiça (Wilkie tem razão ao profligá-lo) denominados pequenos: — a Rainha dos Países Baixos, falando em Londres num domingo, 7, ao seu povo heróico; — Pierlot, chefe do governo da Bélgica, protestando, da capital britânica, contra as execuções de reféns belgas; o general Sikorski, o presidente da Polónia esmagada, conferenciando com Roosevelt na Casa Branca, como «elder» das nações sacrificadas, sobre o aceleramento da guerra e a utilização dos exércitos nacionais no exílio dentro dos planos da ofensiva.

«Faz hoje um ano que os japoneses, sem prévia declaração de guerra, lançaram o seu trágico ataque aos aliados — disse a Rainha.

Nessa altura não hesitámos por um só momento em lançar-nos na luta e apressar o nosso auxílio aos Aliados, cuja causa é também a nossa. O Japão tinha estado a preparar-se para esta guerra e para a conquista das Índias Neerlandesas desde há muitos anos, seguindo a conduta dos seus parceiros do «Eixo» de atacar um país de cada vez. Conseguimos evitar a execução deste plano, graças à nossa imediata declaração de guerra».

E acrescenta a vasta reforma constitucional, denominada «Conférence de todo o Reino» que criará a unidade por assim dizer confederal da Metrópole e das Índias Orientais, a soberana concluiu por estas palavras de modelar definição da política de um país para quem a liberdade não é simples rótulo: «Só a competência dos cidadãos e as necessidades dos vários grupos populacionais poderá determinar a política do Governo. Nas Índias ou nos Países Baixos reina agora o opressor que intima os seus associados e repudia os princípios que ele próprio reconheceu no passado e priva as mulheres e as crianças da sua vida. Ele dilacerou e desconjuntou este lindo e tranqüilo país. A sua «Nova Ordem» nada trouxe senão miséria e faltas. Apesar de tudo, podemos afirmar que ele não conseguiu subjugar-nos e, à medida que a força crescente das Nações Unidas avança sobre ele de todas as direcções, temos cada vez mais a certeza de que ele não triunfará».

Sem erro pode dizer-se que a Holanda retoma desde já a sua grande posição de potência irrecusável nas soluções do problema do Pacífico. O alto preço dos seus serviços e sacrificios à causa das Nações Unidas, receberá devido prémio, porque só eles fundam o direito de falar e ser ouvido com respeito na hora decisiva em que se contam e repartem os frutos das vitórias.

ANTECEDENTES



FRANCO

A par destas declarações da preclara chefe da Casa ilustre de Orange, outras é de colocar nesta resenha: — as do Chefe do Estado espanhol, no dia 8, ao conferir posse ao novo Conselho Político da Falange, organismo hoje exclusivamente dirigido pelo general Franco — discurso esperado com o maior interesse.

Repelida pelo general-Conde de Jordana, com digna e enérgica nobreza, a 2 do mês passado, a cam-

panha de insinuações que imputava aos representantes diplomáticos espanhóis, no serviço de protecção dos interesses de beligerantes, uma atitude de parcialidade, aproveitava o Chefe de Estado o ensejo, dois dias depois, para relembra a 2.300 chefes falangistas em Madrid, os princípios do regime e a obrigação moral de a todo o momento se apressarem a sacrificar-se pela Pátria. A 17 de Julho, dissera ele que três milhões de espanhóis estariam prontos a afrontar o inimigo bolchevista se ele ameaçasse as fronteiras, e dez dias depois o jornal oficial publicava uma lei concedendo créditos para o aumento das forças armadas. Ao tomar posse em 19 de Agosto, do seu alto cargo, o novo ministro dos Negócios Estrangeiros general Jordana, apressava-se a afirmar para que todos o ouvissem que, com grande satisfação, verificava, ao entrar em funções, que a neutralidade espanhola estava assegurada e que todos os espanhóis podiam estar disso absolutamente certos.

E também de recordar que, nesse momento, o jornal officioso «Arriba», ao classificar a chegada dos novos ministros dos negócios estrangeiros, da guerra e do interior, como um render de guardas, escrevia: «O Exército e a Falange representam sob o comando de Franco os pilares da união e da disciplina interior e uma frente poderosa no exterior. Os acontecimentos têm uma significação profunda pelo facto do general Franco ter tomado conta da comissão política da Falange, assumindo a sua presidência. Desta maneira, as diferentes forças do Estado serão daqui para a frente melhores do que até hoje, na harmonia geral e numa colaboração mais eficaz».

De Berlim, segundo a agência oficial alemã, seguia-se com interesse a remodelação ministerial, aguardando-se, com a natural reserva dos meios da Wilhelmstrasse, as declarações do generalíssimo Sumner Wells dizia em Washington que o governo dos Estados Unidos acolhera com muita simpatia as remodelações do governo espanhol. E em Londres, Samuel Hoare, embaixador britânico em Madrid, informava a Reuter, continuaria a gozo de férias, pois na capital «não se julgava necessário o seu regresso a Espanha porque as modificações políticas deste país são consideradas de natureza interna». Como se vê, nem se ligava lá importância, dentro da previsão dos sucessos próximos, à atoarda, disparada de Brazzaville de que Serrano Suñer fóra a Roma pedir a aquiescência da Itália para que o porto argelino de Orão fosse entregue à Espanha, concessão que,

dizia-se no mesmo rumor sem nexo, reforçaria o prestígio da Falange. De facto, os meios londrinos não hesitavam, conforme rezava aquele despacho, em acreditar que Jordana «manteria uma política de estrita neutralidade» e até acrescentavam que «embora estas modificações políticas possam ser reputadas como possibilidades de eventual restauração monárquica, não é provável que esta solução seja proximamente atingida». Este parecer trazia visivelmente o selo de Samuel Hoare e, como se vê, não alimentava ilusões.

Este conjunto de factos ajuda a compreender a significação interpretativa das afirmações que o general Franco acaba de fazer.

VOZ DE ESPANHA



SUSER

As declarações que acabamos de reproduzir pelo seu valor documental, vieram a público três dias depois da chegada da expedição norte-americana à África do Norte.

Tinham portanto, a maior oportunidade. Mas importa acentuar que a essa data o governo espanhol tinha marcado nitidamente a sua posição, quando o exército alemão veio ocupar a zona livre francesa. Deve, porém, ser também recordado que três dias antes de tão estrondosos sucessos, um intencional artigo do «Times» (no gabinete da sua direcção devia saber-se algo do que ia passar-se), continha alusões implícitas a acontecimentos próximos:

«Desde que Jordana sucedeu a Suñer, por mais de uma vez aproveitou a oportunidade para corrigir mal entendidos sobre o carácter da neutralidade do seu país. As suas últimas afirmações são muito bem recebidas. A ansiedade de Jordana em pôr a neutralidade da Espanha ao abrigo de suspeitas corresponde aos verdadeiros desejos das Nações Unidas. Tudo quanto se faça para que a Espanha tradicional reafirme a sua independência, encontrará a mais calorosa simpatia entre as Nações Unidas. Nem pode duvidar-se de que os acontecimentos militares no Mediterrâneo, sejam seguidos, em Madrid, com grande interesse. Não há dúvida de que a eliminação de Rommel no Norte de África daria à Espanha maior liberdade de acção e verdadeira neutralidade do que aquela que tem podido gozar, desde que as forças alemãs, depois da queda da França, avançaram até aos Pirinéus e os emissários alemães estenderam as suas actividades para além d'ele».

A imprensa do país vizinho não escaparam estas referências, que constituíam mais uma explicação prévia das posições de Washington e de Londres, do que uma advertência, aliás inútil, porque o governo de Madrid não se desviara um milímetro do seu lugar de neutral fixado pelo general Jordana com tanta propriedade e no momento exacto.

Prestadas pelos governos americano e inglês ao governo espanhol as garantias de respeito pela integridade da soberania nacional, que o general Franco registou nas suas respostas às respectivas chancelarias, a seqüência dos acontecimentos impôs ao governo espanhol medidas de protecção em certas regiões da metrópole, nas colónias e protectorados, mediante mobilização parcial.

O Chefe do Estado pronunciou pois, o seu discurso perante circunstâncias já determinadas, entre as

(Continua na pág. 23)

ILUSTRIRTE ZEITUNG

LEIPZIG

Publica mais um número extraordinário de Natal
DO SUMÁRIO CONSTA:

A luta da Europa em pró da liberdade e da unidade — Balança do ano.

O Reich no coração do continente — As guerras defensivas da Europa através dos séculos (843-1943).

O pensamento heróico na Arte europeia.

O caminho para o classicismo europeu.

Pintura monumental do Sudeste — Uma herança bizantina.

A arte de habitação de Frederico o Grande — Rheinsberg, Berlin, Charlottenburg, Potsdam, Sans-Souci.

A música de Mozart na Europa.

O amor à Natureza.

Nobreza do corpo — O pensamento olímpico da Europa.

Poetas nórdicos na cena alemã — Ibsen, Bjornson, Strindberg, Holberg.

Figuras poéticas dos povos — Representações poéticas que fizeram época através da Europa: Faust, Don Quijote, Cid, Figaro, Carmen, etc.

UM GROSSO VOLUME ARTÍSTICO ILUSTRADO

digno de figurar em todas as colecções

Distribuição de AGENCIA INTERNACIONAL — 119, Rua de S. Nicolau — LISBOA

NATAL 1942

UM brinde do NATAL...

A PERMANENTE SEM APARELHO
NEM ELECTRICIDADE

DEANNA

DISTRIBUIDORES:

LABORATÓRIOS DOS PRODUTOS DEANNA
CALÇADA DO CORREIO VELHO, 11, s/l.

PHILIPS
É
PHILIPS
sempre a melhor



É preciso juntar o
Útil ao Agradável

Presentes há muitos, mas como
um fato bem feito e econó-
mico, só nos alfaiates

GOUVEIA & DIAS, L.^{DA}
R. ARCO MARQUÊS DE ALEGRETE, 21, 1.º D.

MEIOLANDIA, LTDA.
FÁBRICA DE MOVEIS ESMALTADOS

APRESENTA: ORIGINALIDADE,
QUALIDADE E MODERNISMO

RUA DO TELHAL, 70-B
TELEFONE 50219

TODO
O MUNDO É OUVIDO
ATRAVEZ
DE UM RECEPTOR
PHILIPS



ACABA DE APARECER
O 1.º NÚMERO DE
"O ESPELHO DO
CONTINENTE"

UMA REVISTA QUINZENAL
DIFERENTE DAS OUTRAS

32 Páginas profusamente ilustradas em
ótimo papel — Esc. 1\$60

Não deixe de comprar na próxima semana

O NÚMERO ESPECIAL DO NATAL DE
VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

32 Páginas ♦ Capas a cores ♦ Colaboração Especial

UM NÚMERO SENSACIONAL QUE VAI SÊR UM ÊXITO

AVULSO ESC.: 1\$50

PANORAMA INTERNACIONAL

(Continuação da pág. 21)

quais as que esclarecem as posições dos beligerantes na batalha de África e a do governo francês de Laval perante o regime da ocupação alemã.

O general Franco focou as duas faces da situação. Quanto à interna, desdobra-a ainda. Assim, pelo que respeito aos princípios básicos do regime, declarou que eles persistiam sobre os mesmos alicerces. Sublinhando que numa ordem política europeia, a política espanhola tem características próprias, e que «o mundo liberal desaba, vítima dos seus próprios erros, e, com ele, rúe uma concepção capitalista à qual cabe a responsabilidade de milhões de homens serem obrigados a permanecer de braços cruzados». — o general Franco marcou esses princípios, disse: «Enxam-se a si próprios todos aqueles que sonham com a organização duma Europa sob regimens demo-liberais, paredes-meias com o comunismo russo. Seguem por mau caminho aqueles que especulam com soluções burguesas».

Ante a questão suscitada de uma eventual restauração monárquica, Franco pôs a condição «sine qua non»: «Se o interesse da Espanha o exigir, será possível o restabelecimento do sistema de Governo tradicional que deu à Espanha, através de toda a sua história, a continuidade duma existência gloriosa. Mas, bem entendido, tudo deve ser subordinado à realização e à perpetuação da nossa Revolução Nacional».

Ante a questão social reconhecendo a equivalência dos movimentos espanhol, italiano e alemão pelos seus métodos. Sobre a política externa — o nó do discurso — fez esta afirmação perentória: «A Espanha não modificará a sua política externa».

O Capítulo começado em Setembro, ficava encerrado, se os acontecimentos da guerra não o reabriram contra a vontade expressa da Espanha formulada pelo seu mais autorizado representante.

Por enquanto, tudo indica que assim não será, até que as operações militares não desfechem.

Na Tunísia, após uma violenta reacção alemã, durante cinco dias, sobre o triângulo de Djedeida-Mateur-Teurba contra as coberturas de vanguardas do 1.º exército, sem outra finalidade que a de cortar a imediata possibilidade de uma ofensiva, tudo voltou quasi à primeira forma. Hoje verifica-se que nem Von Nehring deve ter actualmente reservas para uma operação estratégica de largo raio ou meios que admitam mais que a defesa Tunes-Bizerta, nem os Aliados possuem

ainda aeródromos bastantes junto da linha de batalha, vias de comunicação livres, completa superioridade aérea.

Pelo que respeita a Rommel e a Montgomery, a equação é sensivelmente a mesma quanto ao Afrika Korps e o 8.º exército que continua a concentrar-se. Neste meio tempo à esquadra e à aviação aliadas cabe o primeiro papel.

Chamam os comentadores a tudo isto uma «batalha de estradas e aeródromos» e uma «batalha de abastecimentos». Para Hitler, que se diz andar a formar o exército da primavera com 70 divisões, o problema é somente da defesa continental. Massas de aviação alemã são concentradas na Sicília e na Grécia. Toda a região de Trieste é ocupada. A zona continental do litoral mediterrâneo da França encontra-se defendido.

Assegurada com o desarmamento em massa do exército e da marinha francesas, com a prisão de generais como Weygand, Lazare e Doyen, oficiais de estado-maior e outros, e a tomada de reféns, a improbabilidade de qualquer reacção interna, obtida proximamente a formação de um gabinete de concentração pró-alemã, sob a mesma presidência de Laval, que estabelecerá o novo regime anunciado por Hitler na sua carta a Pétain, o novo alto comando alemão, chefiado por Zeigler, substituto de Halder, usando de iguais processos para dominar as retaguardas nos países ocupados, prepara, claramente, as defesas do «bastião europeu» da Alemanha na frente norte sobre a Mancha e o Cantábrico, no sul desde Gibraltar à Síria, a leste perante a agressividade da frente russa agora cortada pelas duas ofensivas, já voltadas para dois objectivos definidos (Rostov no sul e as fronteiras da Letónia e da Polónia no centro), contra os quais Hitler faz entornar reservas em pleno inverno, empenhadas em contra-ataques de choque.

A equação é esta. Falta apenas que, antes ou a seguir ao fim do ano, os Aliados, dominando a guerra submarina (para o que acabam de receber precioso auxílio na utilização de Dakar e na utilização das unidades da esquadra francesa ali surtas, resultante de acordo negociado por Darlan com o governador Boisson da África Ocidental, para o general Eisenhower) e não deixando perder a iniciativa, encontrem pela força das armas a solução, na fase mais dura e mais difícil da guerra.

12-XII-942.

7 DIAS DE TEATRO

(Continuação da pág. 4)

vindo. Alfredo Ruas, o grande criador de tipos, mais uma vez foi o sustentáculo do agrado, nas suas rábulas chistosas e que o público sublinharia com palmas (se lá estivesse). Os cenários, vistosos e alegres; as «girls» de Piero, nas suas admiráveis composições coreográficas, que são tal e qual como se as tivéssemos já visto. É claro que as «Romarias» é número de novidade (!) e a nota patriótica será fartamente aplaudida. Maria Albertina canta a gosto popular, Laura Alves atrai-se com toda a gana, Filomena Casado, Margarida de Almeida e Maria Fernanda são os «bonitos» de cena. Carlos Alves muito gracioso nos seus tipos a cair como de costume, e Carlos Leal sempre cheio de bonomia, como há trinta anos. Atracções diversas e música de Fernando Carvalho, que dirigia a orquestra com o habitual dinamismo. Piero foi trazido à cena, a reboque, pelas suas «girls», havendo chamadas aos autores... amanhã.

* * *

Como vêem, isto de fazer crítica a valer, é facilímo: é sempre a mesma coisa.



Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

10.45	Noticiário	24.92 m. (12.04 mc/s)
		19.76 m. (15.18 mc/s)
		13.86 m. (21.64 mc/s)
12.15	Noticiário	24.92 m. (12.04 mc/s)
		19.76 m. (15.18 mc/s)
12.30	Actualidades	13.86 m. (21.64 mc/s)
21.00	Noticiário	41.75 m. (7.19 mc/s)
		31.75 m. (9.45 mc/s)
		30.96 m. (9.69 mc/s)
21.15 *	Actualidades	261.10 m. (1.149 kc/s)
		1.500,00 m. (200 kc/s)

(* Este período de Actualidades ouve-se também em 40.98 metros (7.32 mc/s).

Como se vê o carácter na escrita

por CLOTILDE RANDI

FLORESCENTE em França, por impulso genial de Crépiaux-Jamin, divulgada e radicada na Alemanha, por mereço do filósofo de reputação mundial L. Klages, a grafo-psicologia progride constantemente, na sua técnica e doutrina, como se pode ver nos trabalhos apresentados no último congresso internacional desta ciência, realizado em Paris, pouco antes da guerra actual, e a que presidiu o prof. Pierre Janet.

Psicologistas, médicos, filósofos, cientistas, trazem a cada passo novos elementos à ciência em questão e já hoje, quando o grafólogo é homem de ciência e artista, a grafo-psicologia permite uma amplitude de acção cujo raio não cessa de crescer.

Entre nós, por diversas razões (dentre as quais avultam o baixo nível de cultura e de vida) fóra os esforços isolados e altruistas, a grafo-psicologia esbarra ante uma quasi ignorância geral. Ora, foi para prosseguir na obra encetada pelo talento do dr. Moreno da Fonseca, grande erudição em grafo-psicologia, que aceitámos dirigir o Instituto Grafológico Português, executando trabalhos pessoais e iniciando cursos, cujos auditores não podem deixar de ser seleccionados.

Desta forma, nos propomos conduzir a grafo-psicologia por caminho seguro, na esperança de captar para

ela os espíritos cultos e, também, os espíritos práticos.

Não se justifica que, só no interesse geral, se não recorra ao exame da escrita, pois conhecendo os outros, melhor seria a compreensão mútua. Todos têm um amigo, uma pessoa de quem desejam a amizade, uma outra para fins comerciais, e não é interessante conhecê-los bem, aprofundá-los o carácter, agarrar-lhes a personalidade, submetendo os seus escritos, o «cérebro vital das suas rubricas aos olhos aguçados dum grafólogo clarividente?

Sem dúvida que sim. A simples observação, experiências de rigor científico, provam esteriormente a alma de cada um na escrita. Experimente o leitor...

RESPOSTAS

7 — OAO JACUONA — Acções e atitudes de quem busca pano e mais pano para se enfiar. Espírito de contradição ainda acentuado, por absoluta falta de delicadeza.

8 — UM JOGO NINGUÉM — Validade sem prejuizo para o alheio, mas só para o próprio — que, pelos seus muitos ridículos e espirito mesquinho, se torna muito disfarçável.

Vida MUNDIAL ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —



D. Henrique, o Navegador, imortalizado em bronze nesta estátua que portugueses distantes, mas amantes da sua Pátria, fizeram erguer na cidade de Fall River, no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos da América do Norte.

LEIA NAS PÁGINAS 14 E 15 DÊSTE NÚMERO

○ "MENINO" ALBERTO ○

UMA REPORTAGEM CURIOSA SOBRE UM HOMEM ESTRANHO